

Revista



SALA DE
FOTOGRAFIA

nº 2 - maio/2017





Manifesto

Dizem que a felicidade só é real quando partilhada. Pois bem, nós, da Sala de Fotografia, concordamos com essa frase, e vamos além. Acreditamos também que o conhecimento só é real e serve a um propósito maior quando é compartilhado. Está no nosso âmago dividir conhecimento, afinal, somos uma escola. E é por isso que fazemos o que fazemos, é por isso que essa revista existe: para difundir o que sabemos.

Antes de mais nada, a ideia desta revista foi a de compartilhar o que aprendemos com a nossa participação nos festivais de fotografia. Afinal, nem todos conseguem viajar até o local destes eventos. E as discussões que ocorrem por lá são tão ricas que costumamos dizer que, a cada festival, é como se fizéssemos uma pós-graduação em fotografia. Só que depois não sabíamos direito o que fazer ou onde colocar tanto aprendizado. Ele ficava dentro de nós assim, meio vazio, sem um destino. Não era real sem ser compartilhado, portanto. Agora, ele se torna muito mais tangível a nós mesmas. Temos um propósito, e assim nos esforçamos para absorver e aprender cada vez mais nestes eventos.

Contudo, fomos além de nossa ideia original. Decidimos cruzar as fronteiras dos festivais de fotografia e trazer mais aos nossos leitores e alunos. Você vai perceber como as influências são diversas. Nessa revista, não falamos só de fotografia, mas linkamos a imagem com outras formas de arte. Afinal, o saber de um fotógrafo precisa ser diversificado. Ao clicar o botão da sua câmera, não é apenas a cabeça, o olho e o coração que entram em ação, como já recomendava Cartier-Bresson. Entram aí todo o seu repertório, tudo que está em seu subconsciente pode inspirar. Ao fotografar trazemos sim todos os livros que lemos, os filmes que vimos, a música que ouvimos, as pessoas que amamos, já ensinava sabiamente o fotógrafo Ansel Adams.

Correlacionando diversos saberes e fazeres, expandimos as próprias fronteiras da arte, pois assim ela serve como trampolim, como gatilho

disparador para pensarmos e questionarmos outras coisas, seja o nosso cotidiano, nosso passado ou até o nosso futuro. A arte contemporânea, como podemos ver na matéria sobre a 32ª Bienal de São Paulo, carrega em si uma forte carga de reflexão, é um exercício exaustivo, mas gratificante, sobre entendimentos de obras e suas correlações com a sociedade - de onde elas são parte integrante e jamais desconectada de contextos, sejam sociais, culturais ou de entendimento do processo do artista e do que ele quer suscitar em seu público.

Você vai perceber o que nos inspira ao percorrer as páginas dessa revista - percorrer mesmo, como se fosse um caminho, uma jornada que você cumpre. Falamos sobre outros assuntos, como arte contemporânea com a Bienal e com a matéria sobre Frida Kahlo. Mas a revista, é claro, nunca perde de vista seu foco, que é a fotografia. Falamos ainda nesta edição sobre diversas exposições fotográficas que vimos, uma exposição fotográfica que fizemos e ainda indicamos um site que traz muito conteúdo fotográfico para leitura.

Esta publicação também marca o início das comemorações dos 10 anos da Sala de Fotografia. Ao longo de 2017, vamos promover muitas atividades para celebrar essa década de cliques. Vamos festejar do jeito que a gente sabe fazer melhor, com muitos encontros entre pessoas queridas, a fim de debater e refletir sobre fotografia.

De novo, a revista fica pesada de conteúdo, que é o que pretendemos fazer a cada vez que se aproxima um novo solstício: a Revista Sala de Fotografia se baseia na divisão astrológica para determinar a sua periodicidade semestral, uma dicotomia entre inverno e verão. Aqueça seu inverno com esta edição de número 2. Depois, no verão, refrescamos as suas férias com a nossa terceira edição. Até lá!

Liliane e Sabrina.

Revista 
**SALA DE
FOTOGRAFIA**
nº 2 - maio/2017

Expediente - quem faz

Diretora Geral: Liliane Giordano
Fotógrafa e mestre em educação

Editora-chefe: Sabrina Didoné
Jornalista (MTB 0018277/RS)

Textos, fotos e diagramação:
Liliane Giordano
Sabrina Didoné

Conselho editorial: Thaynne Andrade

saladefotografia@gmail.com
(54) 3534.8994 | (54) 9.9981.9894

Índice

08	<hr/> Festivais de fotografia: Jornadas: 11 Montevideú
20	<hr/> Festivais de fotografia: Feira Fotografar
38	<hr/> Exposições: Arno Rafael Minkkinen
44	<hr/> Aprendizado: Fotografia como arte contemporânea
48	<hr/> Exposições: Solstício
66	<hr/> Sites: Blog do Juan Esteves
70	<hr/> Palestra: Premissas da Comunicação
76	<hr/> Processos artísticos: 32ª Bienal de Arte de São Paulo
84	<hr/> Exposição fotográfica: Frida Kahlo
90	<hr/> Festivais de Fotografia: Fest Foto POA 2017

Análise - Festivais de Fotografia

Jornadas: 11 Montevideú

Duas coisas que concluímos ao fim do Jornadas 11, evento de fotografia no Uruguai: o coletivo faz toda a diferença, e é preciso procurar sentidos na fotografia. Juntar diferentes pessoas, de diferentes áreas, em um projeto fotográfico, faz com que ele transcenda seus objetivos, já que, a partir das discussões criadas nesse meio, faz com que o conceito se expanda e



se solidifique. Ou seja, o coletivo proporciona inclusive achar com mais facilidade o tão desejado “despertar sentidos” ao elaborar um projeto – já que apenas a imagem, apenas o clique decisivo já não bastam mais. Foi o que tiramos como maiores lições no Jornadas 11 - evento organizado desde 2005 pelo CDF (Centro de Fotografia de Montevideú), e que promove investigações sobre diversos temas da fotografia. Em 2016, o evento ocorreu de 5 a 7 de dezembro, e teve como tema a fotografia em trânsito, referindo-se aos diferentes suportes e as mudanças enfrentadas pela fotografia, sua imagem e seu processo. Mas ainda aprendemos muito mais nos dias que passamos no país vizinho, inaugurando assim a fase de internacionalização das visitas a festivais de fotografia da Sala de Fotografia.

Um exemplo que nos fez perceber a importância do coletivo foi a NITRO (<http://www.nitroimagens.com.br>), um coletivo de fotógrafos – e que inclui um jornalista – que trabalha com diversos projetos voltados a comunidades brasileiras. Eles se definem com o papel de contar histórias, não importando o

meio para isso. Procuram, ainda, expandir a foto para outros meios, sem deixar de ser foto. Entre os projetos da NITRO, estão a coordenação da revista *A Estrela*, feita por presos brasileiros; e o “Moradores: a humanidade do patrimônio histórico” – neste, eles vão para as praças de Minas Gerais e registram os moradores contando suas histórias.

Outro exemplo de coletivo de fotógrafo bem-sucedido é o argentino RIFA – Relatos e Imagens Fotográficos em Ação. Eles também têm profissionais de outras áreas além da fotografia, como arqueólogos, sociólogos. No Jornadas 11, eles explicaram o projeto desenvolvido no Chile. A partir de uma convocatória lançada pelo festival de fotografia de Valparaíso, eles se empenharam em reconstruir os álbuns de família dos moradores daquela cidade – que perderam os seus álbuns em um grande incêndio. Eles trabalharam com fotografias narradas, ou seja, os moradores lhes contavam como eram as fotos antigas, para tentar reproduzir. A nova foto não ficava idêntica, mas nem era o propósito, pois assim os moradores se lembravam da foto velha tanto

pelas semelhanças quanto pelas diferenças.

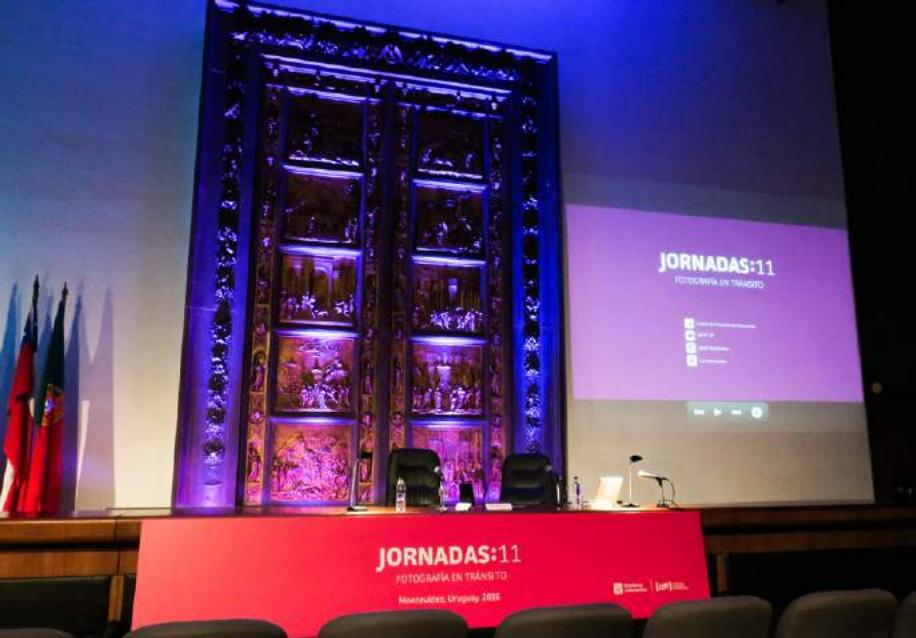
Esses coletivos nos ensinaram o seu valor ao criar conceitos para os projetos. A pós-produção em uma fotografia não é só colocar no papel, ou em um suporte apropriado. Em um projeto, esse pós consiste em pensar, refletir, escrever sobre o processo, sobre os objetivos. E é por isso que os coletivos estão chamando a atenção, porque esses grupos tiram um tempo para conversar e refletir sobre o que estão desenvolvendo, elaborando um discurso que apresenta o trabalho, que precisa estar bem fundamentado, ter lógica. No caso deste grupo que recriou os álbuns dos moradores de Valparaíso, o discurso deu destaque ao projeto, porque sem esse discurso, as fotos poderiam ser percebidas apenas como uma releitura. Mas com o projeto e o discurso, o resultado não é só recriar álbuns de família, mas agregar valor ao objeto, ressignificando-o. Em outros trabalhos de fotógrafos que executam as etapas sem esta força do coletivo, às vezes, o que percebemos é que o resultado é maravilhoso, mas ao tentar falar sobre o processo, o discurso não exalta a sua fundamentação.

Processo

O argentino Marcelo Brodsky é um exemplo de fotógrafo que concilia um discurso coerente junto a seus projetos. Ele falou no Jornadas 11 sobre seus processos de constituição de projetos na mesa intitulada “Acción Visual, obra y activismo”, e explicou seus trabalhos, que já presenciamos tanto no Paraty em Foco (quando ele explicou seu trabalho com os estudantes desaparecidos no México), quanto no Fórum Latino Americano de Fotografia de SP (no qual ele expôs uma série de fotografias com intervenções suas sobre os protestos do ano de 1968). Marcelo faz uma espécie de militância visual em seus projetos. Afinal, de acordo com o fotógrafo, deve-se achar um jeito de produzir uma reação emocional no espectador, pois só falar de ditadura, por exemplo, não muda nada.

Ele ainda participou da mesa que encerrou o Jornadas 11, intitulada “¿Cómo conducir el tránsito?”, na qual se fez uma reflexão muito relevante sobre o que é a fotografia atual.





“São milhões de fotos feitas todos os dias, já não basta mais ter só boas fotos. Tem que ter uma ideia clara do que fazer com elas, e um sentido para se manter. Precisa ter narrativa e outros elementos. Acho que as imagens servem para disparar reflexão e discussão no público”.

Marcelo Brodsky

A diretora e curadora do Festival Internacional de Fotografia Encontros da Imagem de Braga em Portugal, Ângela Ferreira concorda com Marcelo: as fotos precisam ter sentido. Ela lembrou o antigo lema da Kodak, “você aperta um botão, e nós fazemos o resto”, para argumentar que a fotografia agora precisa contrariar essa lógica:

“Agora temos de fazer ao contrário de apertar o botão, nós devemos fazer o resto, pois muito já foi produzido. Temos que fazer ao contrário, reescrever sentidos, pensar a fotografia como algo criativo”.

Ângela ainda explicou no Jornadas 11 seu projeto de doutorado no qual fotografou aldeias indígenas do nordeste brasileiro. Sua argumentação é a de que a fotografia precisa de afeto para gerar novos sentidos. Esse tema também já foi explorado por Liliane Giordano em sua dissertação de mestrado, intitulada “Uma proposta de imersão no processo da fotografia e na leitura de imagens”, no qual ela explica que o fotógrafo precisa desenvolver relações com o objeto a ser fotografado. (Você pode ler a dissertação de mestrado de Liliane na íntegra em <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/144075>).

Sentido

Outra fotógrafa que soube encontrar sentido em suas fotografias foi a canadense Rita Leistner. Rita foi ao Afeganistão fotografar a guerra em 2011,

de um jeito inusitado: utilizava um Iphone e um aplicativo que envelhecia suas fotos. Quando voltou, sofreu de stress pós-traumático. E encontrou um novo propósito para suas fotos: fazer um livro correlacionando as imagens que coletou com as ideias do pensador Marshall McLuhan – que inventou os estudos de mídia, e previu a internet. O fruto do trabalho de Rita deu origem a um livro de textos e fotos, que conjuga história, fotografia e auto-ajuda. O nome do livro “Procurando McLuhan no Afeganistão”, deve-se ao fato do livro ser multidisciplinar, referindo-se ao pesquisador de uma forma metafórica.

Ela ainda conversou com a curadora do Museu da Guerra do Canadá, Joanne Stober. Rita explicou que procura trabalhar a fotografia em séries, em histórias, em grupos de imagens, pois apenas uma imagem não diz tudo o que precisa. Falou ainda que faz fotos bonitas da guerra, justamente para fazer com que as pessoas olhem para aquilo. Ela também trouxe à tona o debate sobre as novas tecnologias.

“Odeio a frase de que todos podem fazer ótimas fotos no Instagram. Só porque todos têm uma câmera não significa que serão ótimos fotógrafos, assim como uma caneta não faz de todos escritores.

Não se faz fotógrafo da noite para o dia”. Rita Leistner



Outros projetos

A arquiteta e artista contemporânea argentina Vivian Galban explicou seu trabalho ao retomar processos do início da história da fotografia, dando ênfase às propriedades físicas e materiais, a partir das potencialidades do suporte e do processo fotográfico como linguagem discursiva. Ela utiliza fotos antigas de arquivo, e as refaz a partir de antigos processos e suportes da fotografia.

Cao Guimarães foi outro brasileiro convidado a falar sobre seus trabalhos em Montevideu. Ele explicou sobre seu livro de fotografia sobre não ver, pois fotografava às cegas, identificando o que lhe chamava a atenção somente pelos outros sentidos. Cao também trabalha com vídeos, porque sempre quis ser cineasta. Ele apresentou ao público um vídeo arte de vários minutos, no qual as cenas mostravam apenas

bolhas de sabão flutuando pelo ar. O interessante dessa obra, intitulada “Sopro”, é que contraria toda a ideia atual de que o vídeo precisa capturar a atenção do telespectador nos primeiros segundos. Ele mexe com nossa ansiedade, e nos mostra o quanto não conseguimos mais parar por alguns minutos para, simplesmente, ver.

Essa ideia se conecta com o que foi demonstrado por Marcelo Barbalho, que apresentou no Jornadas 11 sua tese de doutorado sobre fotografia, cinema e fotojornalismo. Ele falou sobre retratos filmados, que causam um desconforto no telespectador

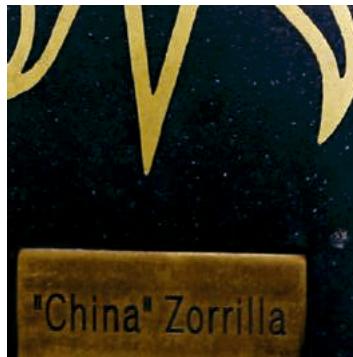
pela sua imobilidade. E exibiu um trecho de web documentário sobre Chernobyl: o desconforto combina com o clima da zona de exclusão devido à radiação do reator de Chernobyl. (veja em http://www.lemonde.fr/week-end/visuel/2011/04/22/la-zone-retour-a-tchernobyl_1505079_1477893.html um exemplo de retrato filmado neste documentário intitulado La Zone). Neles, a câmera fica parada, e os personagens se colocam como estivessem sendo fotografados. Os retratos filmados são uma volta a longa exposição na fotografia, como era no seu início. Mas agora, ao invés de achar ruim, está aberto ao inesperado, está à espera da ação. Marcelo também falou sobre o enquadramento obsessivo,



na qual a câmera fica estética, e espera o personagem entrar e sair do quadro – e, quando ele sai, volta a filmar o cenário vazio. É uma estética da desaceleração, tal como nos remete o vídeo de Cao, sendo ao contrário das mídias que nos inundam de imagens a cada segundo.

O gaúcho Leopoldo Plentz esteve no Jornadas 11 expondo a mostra “Jardín de las delicias y otras cosas”, na qual reúne fotos de quatro séries que o fotógrafo registra “fósseis” da contemporaneidade a partir dos objetos que encontra nas ruas. Ele participou também de duas mesas, uma delas com o fotógrafo uruguaio Roberto Fernández – o qual expôs a mostra “Diálogo oriental”, que reúne oito séries com mais de 90 obras suas. Roberto gosta de misturar alquimia e filosofia em suas fotos, trazendo resultados inusitados. Em uma parte da mostra, expõe fotos desfocadas, aproximando o espectador do universo de quem é míope como ele. A mesa no qual os dois conversavam entre si denotou como eles têm em comum o trânsito por diferentes plataformas na fotografia, promovendo experimentações na materialidade e nos modos de fazer fotográficos.

Leopoldo e Roberto integraram a mesa “¿Qué hacemos con el tiempo?”, junto com Cao e com Annanké Asseff. As discussões a respeito desse tema acabaram não se aprofundando, focando em discursos particulares, sem que houvesse uma conexão efetiva da relação da fotografia com o tempo. A proposta da mesa era muito pertinente, já que a fotografia sempre representou uma parada no tempo, o congelamento de um instante. Além do mais, o tempo da fotografia se acelera agora, com as novas tecnologias, onde muito é produzido a cada minuto. Fotografia precisa representar uma pausa para observar, para ler uma imagem, ou então para ver sem clicar, se aproximando assim do objeto. O tempo também está na fotografia quando se pensa na possibilidade de interpretação, já que, para interpretar, entra em jogo o conhecimento de mundo, interesses e expectativas do observador, além de considerar o espaço e o tempo necessários para isso. Há dois tempos na fotografia: um tempo do ver, olhar e clicar; e o tempo do ver, olhar e pensar.



Conclusão

Um dos trunfos do evento de fotografia Jornadas 11 foi, justamente, se ater ao seu tema do trânsito na fotografia. Tema este muito pertinente, pois passamos muito rápido por esse processo do analógico para o digital, e assim não se questionou a mudança, não se parou para refletir esse trânsito na fotografia. É extremamente importante pensar que esse trânsito fez com que muito da fotografia se tornasse instantânea e efêmera, ficando assim desassociada de um contexto histórico, político, cultural e social.

Também foi importante o evento para pensarmos não só o trânsito do analógico para o digital, mas também a fotografia associada às redes virtuais – refletindo o quanto elas têm nos aproximado ou afastado da origem do processo fotográfico. E o quanto isso é importante para se conhecer projetos fotográficos pelo mundo e estabelecer novos contatos.

Todas as mesas do Jornadas 11 estão disponíveis no canal do YouTube do CDF.





*Grafito no Beco do Batman, Vila Madalena, São Paulo (2017)



Análise - Festivais de Fotografia

Feira Fotografar 2017 SP

A Feira Fotografar é um evento que congrega um público diversificado, conseguindo colocar em seu leque tanto fotógrafos sociais quanto os autorais. Talento raro em eventos de fotografia, mas uma preciosidade, já que ambos os públicos têm muito o que aprender entre si. Muito mais que um espaço onde expositores demonstram seus produtos relacionados ao universo de captura de imagem, a Fotografar investe na educação de seus participantes. Neste ano, na sua 11ª edição, eram 10 atividades simultâneas, incluindo o congresso, fóruns, workshops, palestras, talks, exposições. Uma meta acertada, já que a educação e as amplas discussões propiciadas nesses espaços é o que enriquece os profissionais da área. Em 2017, a Feira Fotografar, maior feira do segmento da América Latina e que é promovida pela revista Fhox, ocorreu dos dias 28 a 30 de março, em três andares do Shopping Frei Caneca, em São Paulo. E a Sala de Fotografia esteve por lá pra conferir o que ocorreu. Este texto é uma análise das atividades que acompanhamos.

Se o Congresso atraiu mais os fotógrafos sociais, já que dividiu seus três dias em temas como fotografia de casamento, newborn e família, o Fórum de Fine Art foi o que chamou os fotógrafos autorais, com nomes importantes nesse meio. Mas então a festa de boas-vindas, na terça à noite, congregou ambos os públicos, trazendo um clima de descontração, no qual o tema principal das conversas era, é claro, a fotografia.

Borrando fronteiras

Contudo, o Congresso Fotografar ajudou a borrar as fronteiras do estilo social ao apresentar convidados oriundos de outras áreas. Um exemplo foi o importante fotógrafo Bob Wolfenson, que integrou a programação da “Superquarta – Família”. Ele falou sobre o tema “A arte do retrato”, mas também atua em fotografia de moda, publicidade e foi o fotógrafo de nú da revista Playboy.

“Eu não seria nenhum desses fotógrafos se não fosse o outro. Preciso de todas essas camadas da minha personalidade. E não hierarquizo, todas elas são necessárias para ser quem eu sou.” Bob Wolfenson

Na mesma toada, Bob explicou que tudo o que vive influencia a sua fotografia. Ao ser questionado sobre como pesquisar referências, ele explicou que tudo o que se faz conta.

“Estudar é tudo, ver filmes, ver séries, o que me inspira é a minha existência. Esse é o milagre: fazer com que o meu cotidiano inspire o meu trabalho.”

O que ele diz se comprova em uma história que contou sobre quando foi fotografar um jogador de futebol e, no meio da sessão, lembrou de uma foto que tinha visto do Pelé.

“Não é que olhei a foto do Pelé e pensei: vou copiar. Não, ela estava em meu repertório quando precisei. A foto estava na minha cabeça, no meu HD, e ela surgiu quando foi necessário.”

Divertido, Bob Wolfenson criou empatia com a plateia – que fez outras perguntas não tão relevantes perante a incrível produção do fotógrafo, como que lentes ele usa, ou qual software ele utiliza para edição. Diante da observação que não foi fácil chegar até aqui, ele ironizou: “hoje até que foi, vim de táxi.” E ainda brincou com a morte, ao explicar que muitos de seus retratados já morreram, e por isso é que não faz autorretratos. Descontraído, de calças dobradas e meias coloridas, Bob falou até o último segundo possível – e ainda foi muito pouco para tudo o que



já produziu e para mostrar seus incríveis retratos. Fez uma autocrítica no palco, argumentando que deveria mostrar mais e falar menos – ao que a plateia reagiu com sabedoria: as fotos podemos achar na internet, as suas histórias contadas, não.

Uma dessas histórias foi de como aos 28 anos de idade, e já dono de uma certa carreira na fotografia, vendeu tudo o que tinha e foi viver nos Estados Unidos por um ano. Querendo vencer a mediocridade que achava que tinha na carreira, Bob procurou emprego na fotografia, mas não quis ser fotógrafo, foi ser assistente. E assim voltou com a bagagem de ter trabalhado no exterior com

grandes fotógrafos.

Esta é uma boa lição para quem sonha com uma carreira na fotografia. Na pressa de se lançar no mercado e achar a sua voz autoral, os fotógrafos estão se jogando muito cedo no mercado freelancer, sem antes procurar trabalhar sob a tutela de mestres, de padrinhos que possam passar ensinamentos práticos da profissão. Fotografia não é só feeling ou talento, tem muito mais a ver com estudo e prática incansáveis.

Bob ainda falou sobre a importância da narrativa para criar entendimento sobre o trabalho realizado.

“Narrativa é ter uma história, por mais que a pessoa que vê as fotos não entenda. É importante para o fotógrafo ter esse nexos.” Bob Wolfenson

E ainda deu dicas sobre retratos:

“Acho uma bobagem dizer que tem que ter descontração no retrato. Rejeito esse senso comum. Não tem que ter descontração. Tem que ter o que está acontecendo no momento, seja contração ou descontração.”

Também falou sobre a postura do fotógrafo.

“Só pode ser fotógrafo tímido se fotografar natureza morta. É necessária essa interação, se for fotografar pessoas. Robert Kappa dizia que se foto não está boa, é porque você não está perto o suficiente. Acho esta uma grande frase”.

Outra palestra da “Superquarta – Família” que não focou exatamente no tema, com o objetivo de

ampliar fronteiras, foi a de Henry Carroll, que falou sobre o processo de criação de seu livro “Leia isto se você quer tirar fotos incríveis”. A obra ensina fotografia de um jeito mais leve e descontraído do que os livros tradicionais sobre o tema.

A mensagem que ficou com a sua fala foi a de que estudar fotografia não necessariamente precisa ser algo técnico e/ou acadêmico. Mas é necessário sim ter referências. Mesmo ao simplificar o tema e as imagens que ilustram a publicação, o escritor precisou buscar importantes referências do mundo fotográfico nas múltiplas fontes clássicas desse tema.

Além disso, Henry deixou claro que primou pela simplicidade e continuou atrelado ao seu foco o projeto inteiro. Uma lição para os fotógrafos da plateia levarem para seus estúdios: lembrar da simplicidade. O escritor ainda instigou o público, baseado em sua experiência com o seu livro.

“Este é um bom exercício para você parar e pensar: o que é fotografia para você?”

Fotografia autoral

A Feira Fotografar dedicou um espaço para debater a cadeia autoral do mercado fotográfico brasileiro: o 5º Fórum Fine Art Inside, que ocorreu na terça. Mas esta foi a última edição, no próximo ano, o evento vai ganhar o nome de Fórum de Fotografia Autoral, de acordo com Mozart Mesquita, diretor do Grupo Fhox. Isso para trazer um frescor às discussões dessa área. Na abertura do Fórum, Mozart falou sobre os dados sobre este setor, tanto sobre as impressões em papel diferenciado, quanto a distribuição da fotografia como objeto de arte. Na área do papel, é difícil ter acesso aos dados no Brasil, já que a indústria não quer liberar os números do consumo do material. Quanto aos números sobre arte, a pesquisa Latitude é reveladora: em 2015, a fotografia foi a terceira forma de arte mais vendida, atrás apenas da pintura e da escultura, correspondendo a 19% das vendas em galerias de arte. Acesse a pesquisa em <http://www.latitudebrasil.org/pesquisa-setorial/>





A primeira palestra do Fórum foi “A viabilidade da produção cultural na fotografia brasileira”, com Roberta Tavares, Fernando Bueno e João Kulcsár. Roberta é da Magnum Caravan Brazil, que conta com o apoio da agência de fotos americana para difundir a fotografia no país por meio de bolsas e outras atividades culturais. Ela divulgou o pocket festival que a Magnum promove para celebrar seus 70 anos, entre os dias 22 e 30 de abril, no Rio de Janeiro. Fernando Bueno é diretor do Canela Foto Workshops, festival de fotografia que ocorre em Canela, RS - que neste ano completa 15 anos e vai contar com o artista Vik Muniz na sua programação. Ele falou sobre o andamento da proposta de criação do Instituto de Fotografia e Artes Visuais de Canela, que vai preservar a memória fotográfica do

país. João Kulcsár é professor do Senac - SP, e presidente da Rede de Produtores Culturais da Fotografia no Brasil. Ele ressaltou que a Rede já conta com 272 membros, de todos os Estados do país.

Sobre o tema da palestra, Bueno destacou que é preciso estar preparado para viabilizar projetos.

“É muito importante ter informações, números, para convencer alguém a investir. Grandes empresas estão atrás de conteúdo. Só vai convencer que seu produto é bom se tiver dados pra convencer, pra mostrar que é bom”.

Roberta concordou com Bueno.

“Tem que estar preparado, não pode depender só de uma marca, um nome. Tem que mostrar que sabe o que está falando.”

Ela ainda destacou a necessidade

de se acreditar nos projetos, por mais difícil que seja.

“Precisa de uma ideia, um interesse, pessoas pensando igual, que o projeto vai acontecer. Mesmo festivais grandes nos Estados Unidos começaram muito pequenos”.

A segunda palestra do Fórum discutiu “O papel dos eventos na construção do público e do mercado”, com participação de Maurício Simonetti, do Fotoforma, Zé Bob, da SP Photo Week e Juan Esteves, fotógrafo e curador. Os palestrantes debateram sobre o boom de feiras e festivais que aconteceu nos últimos cinco anos, fruto dos fotógrafos partirem para a venda direta de suas fotografias. Mas daí a entender que elas aumentam o público consumidor de fotografia já é uma dúvida.

Para Maurício, ele percebe que

as vendas não tem um índice de aumento, e que as feiras não oferecem um ambiente confortável ao público - sendo assim, elas ainda não chegaram em um ponto de maturação. O que falta é um trabalho de curadoria nas feiras, porque o nível dos trabalhos mostrados difere muito entre si. Além disso, precisa padronizar os preços e ampliar a rede de contatos pois, atualmente, quem frequenta essas feiras geralmente são os próprios fotógrafos, seus amigos e os expositores.

Feminino

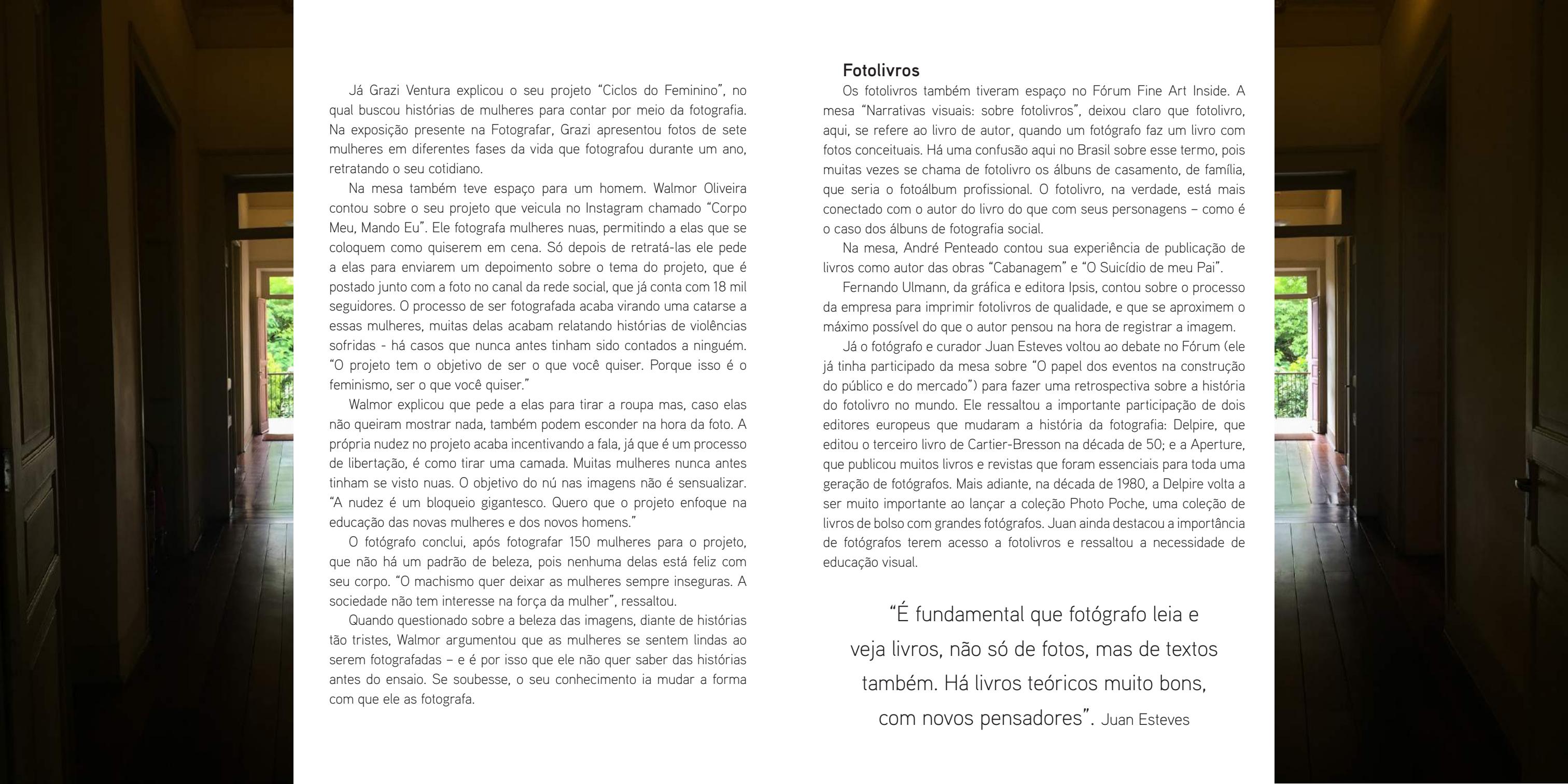
A Feira Fotografar trouxe uma mesa para falar sobre “Olhares sobre o feminino na fotografia brasileira”. Ana Sabiá falou sobre como usa o próprio corpo para compor alguns de seus trabalhos na fotografia.

“As pessoas ainda falam da minha coragem ao me fotografar nua. O corpo na arte é um outro corpo, e tem outras formas, outros códigos de se pensar. Se me fotografo nua, ali não sou eu. O papel da arte é o da problematização e fazer desacomodar, pensar o que está acontecendo ali que me incomoda tanto.” Ana Sabiá

Para Juan, eventos como fóruns e festivais trazem informalidade que contribui muito para a difusão da fotografia - nesses eventos há inclusive o movimento de jovens iniciantes na carreira falando com fotógrafos mais experientes, e o contato que esses fotógrafos tem com produtores e curadores.

Zé Bob trouxe uma experiência mais tangível, ao falar da SP Photo Week. A feira, apesar do grande sucesso de público da duas edições do evento, não garantiu o retorno em vendas, e está agora em um período de pausa, para tentar entender qual formato se deve seguir.





Já Grazi Ventura explicou o seu projeto “Ciclos do Feminino”, no qual buscou histórias de mulheres para contar por meio da fotografia. Na exposição presente na Fotografar, Grazi apresentou fotos de sete mulheres em diferentes fases da vida que fotografou durante um ano, retratando o seu cotidiano.

Na mesa também teve espaço para um homem. Walmor Oliveira contou sobre o seu projeto que veicula no Instagram chamado “Corpo Meu, Mando Eu”. Ele fotografa mulheres nuas, permitindo a elas que se coloquem como quiserem em cena. Só depois de retratá-las ele pede a elas para enviarem um depoimento sobre o tema do projeto, que é postado junto com a foto no canal da rede social, que já conta com 18 mil seguidores. O processo de ser fotografada acaba virando uma catarse a essas mulheres, muitas delas acabam relatando histórias de violências sofridas - há casos que nunca antes tinham sido contados a ninguém. “O projeto tem o objetivo de ser o que você quiser. Porque isso é o feminismo, ser o que você quiser.”

Walmor explicou que pede a elas para tirar a roupa mas, caso elas não queiram mostrar nada, também podem esconder na hora da foto. A própria nudez no projeto acaba incentivando a fala, já que é um processo de libertação, é como tirar uma camada. Muitas mulheres nunca antes tinham se visto nuas. O objetivo do nú nas imagens não é sensualizar. “A nudez é um bloqueio gigantesco. Quero que o projeto enfoque na educação das novas mulheres e dos novos homens.”

O fotógrafo conclui, após fotografar 150 mulheres para o projeto, que não há um padrão de beleza, pois nenhuma delas está feliz com seu corpo. “O machismo quer deixar as mulheres sempre inseguras. A sociedade não tem interesse na força da mulher”, ressaltou.

Quando questionado sobre a beleza das imagens, diante de histórias tão tristes, Walmor argumentou que as mulheres se sentem lindas ao serem fotografadas - e é por isso que ele não quer saber das histórias antes do ensaio. Se soubesse, o seu conhecimento ia mudar a forma com que ele as fotografa.

Fotolivros

Os fotolivros também tiveram espaço no Fórum Fine Art Inside. A mesa “Narrativas visuais: sobre fotolivros”, deixou claro que fotolivro, aqui, se refere ao livro de autor, quando um fotógrafo faz um livro com fotos conceituais. Há uma confusão aqui no Brasil sobre esse termo, pois muitas vezes se chama de fotolivro os álbuns de casamento, de família, que seria o fotoálbum profissional. O fotolivro, na verdade, está mais conectado com o autor do livro do que com seus personagens - como é o caso dos álbuns de fotografia social.

Na mesa, André Penteado contou sua experiência de publicação de livros como autor das obras “Cabanagem” e “O Suicídio de meu Pai”.

Fernando Ulmann, da gráfica e editora Ipsis, contou sobre o processo da empresa para imprimir fotolivros de qualidade, e que se aproximem o máximo possível do que o autor pensou na hora de registrar a imagem.

Já o fotógrafo e curador Juan Esteves voltou ao debate no Fórum (ele já tinha participado da mesa sobre “O papel dos eventos na construção do público e do mercado”) para fazer uma retrospectiva sobre a história do fotolivro no mundo. Ele ressaltou a importante participação de dois editores europeus que mudaram a história da fotografia: Delpire, que editou o terceiro livro de Cartier-Bresson na década de 50; e a Aperture, que publicou muitos livros e revistas que foram essenciais para toda uma geração de fotógrafos. Mais adiante, na década de 1980, a Delpire volta a ser muito importante ao lançar a coleção Photo Poche, uma coleção de livros de bolso com grandes fotógrafos. Juan ainda destacou a importância de fotógrafos terem acesso a fotolivros e ressaltou a necessidade de educação visual.

“É fundamental que fotógrafo leia e veja livros, não só de fotos, mas de textos também. Há livros teóricos muito bons, com novos pensadores”. Juan Esteves

Para finalizar suas atividades, o Fórum trouxe a curadora Rosely Nakagawa mediando o fotógrafo Carlos Moreira, que acabou de lançar um fotolivro. Carlos é um fotógrafo de rua, com muitos anos de carreira. Rosely destacou que Carlos é muito conhecido de quem é ligado a pesquisa, mas não se conhece muito o seu trabalho como autor – coisa que agora o livro revela.

“As pessoas produzem para o mercado ao invés de produzirem algo sólido para si mesmas. Qualquer produto que não é sólido, com qualidade, vira só mais um e desaparece. Destaco como Carlos Moreira conduz, pois ele faz um trabalho, não é só mais um produto.” Rosely Nakagawa

Fotoálbuns

A Feira Fotografar também promoveu o Wedding Best, concurso que premia os melhores álbuns de casamento do Brasil. Os finalistas tiveram os seus trabalhos impressos e expostos na feira, e o ganhador vai a Nova York participar da Photoplus Expo 2017.

O que vimos nos álbuns foi uma escolha que pareceu ser pela emoção: todos os retratados demonstravam amplamente suas emoções. As narrativas se destacaram pela linearidade, com excessão do álbum que se inspirou nos antigos copiões analógicos, colocando diversas miniaturas na página da esquerda, e ampliando uma destas na página à direita. Notamos ainda que, em alguns trabalhos, poderia haver um cuidado maior de enquadramento e de edição. A fotografia contemporânea nos traz a possibilidade de um registro mais espontâneo nos eventos. Porém, de qualquer forma, é necessário que se tenha atenção em relação aos detalhes que compõem o quadro, balanço de branco e desfoque. Ainda, a tendência agora é zero de Photoshop – mas cabe destacar que um mínimo é interessante para suavizar tons e peles.

Havia trabalhos realmente muito bons, e o Wedding Best é um concurso importante pois serve para criar as tendências em fotoálbuns no Brasil.

A Feira

A Fotografar é a maior feira de fotografia da América Latina e, portanto, os expositores aproveitam para lançar todas as suas novidades aqui. O relato que fazemos agora não é necessariamente dessas novidades, mas do que nos chamou a atenção ao circular pelos seus corredores.

Se falar em quantidade de público é falar em sucesso, então a Feira Fotografar já podia ser declarada como ótima já no seu primeiro dia, na terça-feira. O movimento nos corredores era inacreditável. No segundo e terceiro dias ficou um pouco mais tranquilo, mas mesmo assim com presença muito significativa. Muitos expositores destacaram o crescimento dos visitantes de 2016 para 2017, e com todos que conversamos se diziam satisfeitos com as vendas realizadas e com as futuras possibilidades de negócios. Houve até um caso de expositor que estava pensando em desistir da Feira mas, depois do sucesso, vai inclusive ampliar seu espaço no próximo ano.

Uma das oportunidades para o visitante da Feira é se aproximar de novos materiais e possibilidades. Nesse sentido, a Via Color, laboratório fotográfico de Porto Alegre, apresentou novas ideias para quem passou pelo seu estande. A novidade foi a sua linha de álbuns newborn, com cores e cheiros ideais para essa linha de fotografia. O que nos chamou atenção mesmo foi a caixa que vem com uma câmera Instax para fotos instantâneas e com um álbum para já ir colando na hora as imagens registradas. Um ótimo presente para os pais do





recém-nascido.

Junto ao estande da Via Color, o público podia conferir um álbum de realidade aumentada: ao apontar o celular para as fotos desse álbum, as imagens estáticas se transformam em vídeo. Chamado de MagiPix, o produto foi criado pela Visual Joy e ST produções. Veja como funciona em <https://www.magipix.com.br>

Para aprender sobre diferentes tipos de papéis fine art e comparar a impressão, o visitante podia parar no estande Dinas, ou no Portal Fine Art. É importante os fotógrafos terem a percepção das diferenças, para ampliar as possibilidades de seu trabalho na hora de imprimir.

A Go Image, laboratório fotográfico de Caxias do Sul, trouxe a sua linha de álbuns e alguns fotoprodutos, como o abajur fotográfico. As impressões em madeira e em acrílico para decoração realmente capturaram nosso olhar.

Os expositores de acessórios para fotografia newborn se destacaram na Feira Fotografar de 2017. Eram muitos estandes vendendo cestas, roupas, enfeites, cobertores. Em comparação, em relação a outras edições da Feira, sente-se falta de expositores comercializando fotoprodutos como camisetas, canecas, imãs, entre outros. Talvez aí já dê para se notar que a tendência do mercado fotográfico é se voltar para este setor, com crescimento expressivo na fotografia de recém-nascidos.

A Ipsis Gráfica e Editora, além de participar do Fórum Fine Art Inside, também chegou na Feira com novidades: agora imprime álbuns. Só para aguçar a vontade, a empresa fez um teste com

uma Rev. Nacional, excelente revista do mundo fotográfico. O resultado ficou sensacional, quem via, já perguntava o preço pra levar pra casa. Infelizmente, o produto não estava à venda. A Ipsis também apresentou a sua linda coleção de livros de bolso da fotografia brasileira. Já são 6 volumes. Com acabamentos e impressão primorosos, a Ipsis faz assim a sua homenagem a fotografia brasileira, ao mesmo tempo que põe na vitrine seus melhores materiais e impressões.

O estande da Canon era um dos mais movimentados da Feira, sempre lotado e com filas enormes. Fica claro o quanto a Canon se beneficiou com a saída da Nikon do Brasil.

A maior novidade da Feira, contudo, foi o lançamento do Camera Club. Criado pela revista Fhox, o programa pretende ser um clube, onde os associados possam ter diversos descontos e vantagens ligados ao mundo da fotografia. As vantagens incluem preços especiais para seguro de equipamentos, planos de previdência privada e saúde, linhas de crédito diferenciadas, cursos, descontos com laboratórios. Há um plano gratuito, mas para ter acesso a mais benefícios, é possível optar por outras duas modalidades. A Pro custa R\$ 298,80 por ano. Já a Premium custa anualmente R\$ 898,80. Para se associar, é só acessar o site: <http://cameraclub.com.br>

No estande de atendimento do Camera Club na Feira Fotografar, uma equipe atenciosa

explicava sobre as vantagens e as futuras possibilidades. A ideia do Camera Club é interessante, porque as vantagens associativas em qualquer área são inegáveis. Com um grupo formado, é muito mais fácil conseguir descontos e batalhar pelo fortalecimento da profissão, além de propiciar a troca de conhecimento.

Atividades

Paralelas à Fotografar, outras diversas atividades ocorreram. O que relatamos aqui é o que a Sala de Fotografia conseguiu participar. Ainda ocorreram diversas palestras com o Fhox Talks, onde cada palestrante tinha 20min pra falar. Além de toda essa programação, com assuntos interessantes, ainda houve algumas palestras em estandes. Esse é um ponto que pode ser melhorado para as próximas edições: o barulho dos corredores e o som das palestras nos estandes prejudicavam a concentração e a audição no palco da Fhox Talks.

A Fotografar também trouxe diversos outros palestrantes no Congresso, falando sobre casamento, família e newborn. Além do Fórum Fine Art Inside, a Feira trouxe novas edições do Fórum das Empresas de Formatura e do Fórum de Negócios com Fotos. Por fim, ocorreram três workshops ao longo dos dias da Feira: Masterclass Bob Wolfenson, Son Kissed e Filme e Fotografe com Drones. O site da Feira Fotografar foi atualizado com diversas notícias do que ocorria em cada dia.

O ingresso na Feira e a participação no Fhox Talks eram gratuitos. Os congressos, os Fóruns, e os workshops valeram o investimento do público para participar.

É notável o esforço da equipe da Fhox para produzir a Feira Fotografar. Mesmo com uma equipe reduzida, contando realmente com poucas pessoas, eles conseguem produzir um evento com





diversas atrações que procuram elevar os níveis de discussões pertinentes a cada tema. Além disso, conseguiram dar conta muito bem das redes sociais e do site da Feira, chamando a atenção do público para o que estava acontecendo e servindo como guia. Novamente, como já vimos em festivais de fotografia, o esforço de vontade para produzir um evento como esse não é pequeno: é uma verdadeira luta para que tudo dê certo.

Conclusões

Percebe-se que a Feira Fotografar pretende investir na educação e na congregação do seu público. Logo ao ingressar no evento, o participante já recebia um guia que não continha apenas a programação, mas era uma revista com todos os dados do mercado da fotografia, bem como matérias interessantes sobre o setor. Todos os dias, fosse nas atividades gratuitas ou nas pagas, tinha pelo menos uma proposta que tentava sair da ideia da fotografia ser apenas produto ou serviço, mas que propõe pensar a fotografia como conceito. Ponto acertado, porque como temos visto nas propostas de eventos e festivais de fotografia, o que conta é o processo. Não é mais somente o produto final que tem validação, seja na fotografia autoral, seja no registro de eventos, ou em qualquer outra categoria da fotografia. Portanto, cada vez mais é necessário que os fotógrafos invistam em boas referências e em educação visual, e auxiliar neste processo foi um papel fundamental exercido pela Fotografar 2017.

Aprendemos nos festivais de fotografia

“câmeras

NÃO SÃO

próteses de visão,

MAS SÃO

máquinas

de uma visão

que não temos”



Exposições que todo fotógrafo deve ver

Arno Rafael

Minkkinen

Nós já conhecíamos o trabalho do fotógrafo finlandês Arno Rafael Minkkinen quando ouvimos ele falar no Festival Paraty em Foco em 2015. Passamos a ser ainda mais fãs dele naquela ocasião – a sua palestra foi uma verdadeira aula. Só pra exemplificar o que ele falou por lá, veja um trecho do texto que publicamos no nosso blog sobre:

O fotógrafo deu uma aula de como construir um caminho na fotografia, muito mais do que elaborar apenas um projeto, ensinando o poder de 3. Funciona assim:

O poder de três, por Arno Rafael Minkkinen

- 1 -> o fotógrafo deve escolher uma foto sua que mais gosta, uma produção que realmente ama.
- 2 -> Depois, deve fazer uma foto diferente desta, mas também a mesma, de certa forma igual.
- 3 -> Mais adiante, precisará ainda de uma terceira, mantendo essa mesma lógica, de ser igual, mas ainda diferente. Com essa terceira foto, ele pode comprovar que o caminho que escolheu funciona, e assim ele fará outras fotografias, sempre iguais, mas diferentes entre si e, quando perceber, já terá uma produção consistente.

Já éramos fãs de Arno, portanto. Mas foi depois da exposição “Corpo como evidência” que vimos no Sesc Vila Mariana, em São Paulo, em outubro de 2016, que nos apaixonamos perdidamente pelo seu trabalho. Só ao chegar no local e dar de cara com um outdoor com mais de 50m de comprimento com uma foto na qual ele parece pairar sobre a água já nos chocou e fez valer toda a experiência. Só que lá dentro tinha mais, ah, muito mais. Saímos suspirando da exposição, que teve a competente curadoria de João Kulcsár.

Arno demonstra em sua fotografia uma perfeição e um equilíbrio surpreendentes. Suas fotos são fáceis de gostar – é um trabalho que podemos nos identificar. As imagens por ele realizadas colocam o corpo humano em mimetismo com a natureza. O curador Kulcsár assim define as fotos de Arno no texto de abertura da exposição: “ao abranger paisagens amplas como seus cenários, ele designa profundidades pautadas essencialmente no retrato e no autorretrato [...] Presentemente imersas na natureza, as fotografias mostram Arno queimando nos campos de gelo, submergindo na água, pendurando-se nos precipícios, integrando-se aos desertos, rios, florestas e montanhas, dissolvendo-se nos lagos, interagindo com as cidades ou simplesmente desaparecendo na paisagem”.

Harmonia. Esta é uma palavra-chave para entender as fotos de Arno. As linhas, os contornos, a luz, tudo conversa de forma harmoniosa para trazer o espectador para dentro da cena, e parar por vários instantes ao se perguntar: mas como ele fez essa foto? Também aí reside o encanto do fotógrafo, não é magia que o faz produzir fotos tão incríveis. É um olhar afiado que o faz enxergar as possibilidades fotográficas antes mesmo de apertar o botão da câmera. E uma boa dose de coragem: Arno conta que prefere fazer autorretratos e não usar modelos já que, muitas vezes, corre riscos de vida para capturar as suas fotos.

Não é à toa que Arno tem uma trajetória consistente no mundo da fotografia. No Festival Paraty em Foco, ele fez um comparativo entre o início de sua carreira e agora, comprovando a sua teoria do poder de 3. O finlandês tem persistência e confiança em seu projeto, continuando a trilhar o caminho que iniciou ainda na década de 1970. A nós só cabe, então, sentar e aprender e, claro, aplaudir de pé o seu trabalho, como o fez a plateia do Paraty em Foco 2015.

Acesse material sobre o fotógrafo em <http://www.arno-rafael-minkkinen.com/photographs.html>





Foto de Arno Rafael Minkkinen



Foto de Arno Rafael Minkkinen



Aprendizado

Fotografia como Arte Contemporânea

Definir fotografia contemporânea é difícil, pois a ideia deste tipo de arte nasce exatamente da indefinição. Ela é uma fotografia multidisciplinar, em uma democracia da arte que nos permite perder preconceitos e tentar acostumar o olhar a outras realidades. A foto contemporânea ultrapassa os limites da sua própria imagem.

Foto contemporânea é sim transgredir regras. Pode foto tremida? Pode. Pode desfocada? Pode. Foto colorida? Pode. Foto que não se entende qual é o objeto? Pode. Tudo pode. Mas, para isso, é preciso ter um porquê. Uma conceituação. Às vezes, a ideia do fotógrafo só pode ser transmitida justamente por meio do tremido, borrado, desfocado.

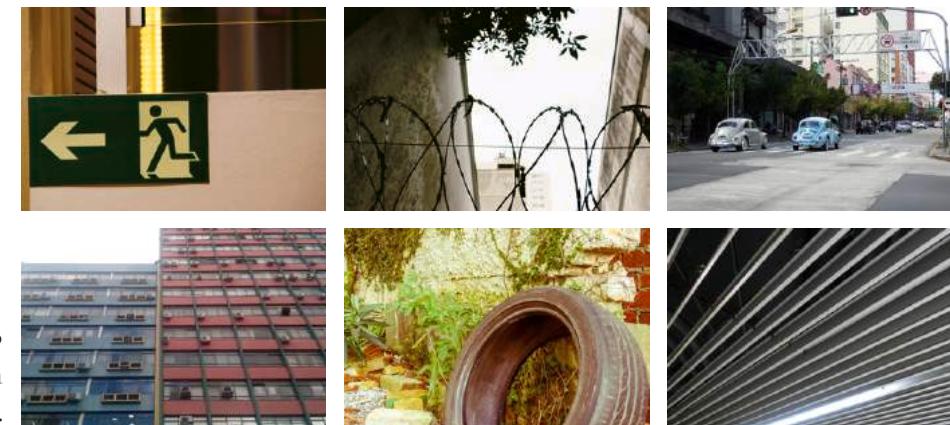
É o caso, por exemplo, do fotógrafo francês Antoine D'Agata. Em um trabalho autoral, ele registra o submundo do erotismo e das drogas. São imagens fortes, perturbadoras, que conseguem transmitir uma pesada carga de

dor, de ansiedade. Em algumas fotos, ele é o próprio ator retratado, em imagens tremidas, borradas. E esse “defeito técnico” se entende muito bem quando se ouve a sua explicação. D’Agata, em uma palestra no Festival de Fotografia Paraty em Foco 2015, confessou que está inserido neste contexto de dor e de uso de drogas.

Em um mundo imagético, conta muito a análise da produção, do contexto da história de como isso chegou até ali. A forte carga emocional do discurso de D’Agata fez com que percebêssemos de outra forma a sua produção.

Mas imagens borradas apenas por “defeito técnico” ou com um enquadramento fora das regras não significam necessariamente foto contemporânea. Muitas vezes, é preciso conhecer a técnica para ultrapassar este limite. Ou seja, entender o que se quer ao sair do padrão, fugir das regras.

Pois explica Dominique Baqué: “as rupturas dos anos 80 trouxeram novos antagonismos, não mais a distinção entre a fotografia pura ou construída; não mais entre a fotografia criativa e a fotografia artística, mas entre aquilo que agora chamaremos de bom grado de ficção do pós-humano e a renovação incontestável da prática documental fotográfica mas também fílmica.” (referência citada por Simonetta Persichetti em vídeo-aula, acesso pelo site Eduk em <https://www.eduk.com.br/cursos/7-design-e-fotografia/6800-pensadores-da-fotografia>.)



Fotos dos alunos do curso de fotografia contemporânea.

da esq. p/ dir.: Ilka Filippini, Jaíne Vicenzi, Deli Tomazzoni, Rodrigo Rodrigues, Leonardo Guadagnin e Sabrina Didoné



Fotos Fabio Campelo

Contudo, é preciso atentar para um conceito. Toda e qualquer foto produzida nos nossos dias é contemporânea – pois a palavra refere-se ao que é do tempo atual. O que comentamos aqui é sobre a fotografia como arte contemporânea.

Para entender um pouco mais sobre o conceito, a Sala de Fotografia trouxe nos meses de abril e maio uma palestra e um curso sobre o assunto. As atividades abriram as celebrações dos 10 anos da escola de fotografia de Caxias do Sul. O curso foi ministrado pelo fotógrafo Zuza Seffrin, que perpassou diversos artistas que usaram a fotografia como suporte para suas obras. Entre eles: Stephen Shore, Bern e Hilla Becher, Lewis Baltz, Lazsló Moholy-Nagy, Man Ray, Martin Parr. O embasamento do curso se deu pelo livro “A fotografia como arte contemporânea”, de Charlotte Cotton.

No curso, os alunos também puderam praticar o seu olhar de arte contemporânea, em um exercício fotográfico nas ruas. Para concluir, a turma visitou a abertura da galeria de arte contemporânea Cubo, que inaugurou em Caxias do Sul na Avenida Itália, 288. Foi o encerramento perfeito para o curso, pois os alunos puderam ter contato com diversas obras de arte.

A abertura de uma galeria de arte como a Cubo na cidade é muito importante, pois cada vez mais é necessário que se tenham esses espaços para contemplar e valorizar a arte. Assim, o ganho é mútuo: o artista tem onde expôr e vender a sua obra, e o público tem onde se aproximar dela. Além do mais, a galeria é um espaço privado – e sendo assim complementa os espaços públicos de arte que temos na cidade. Em um espaço privado, temos mais uma possibilidade diferente de captação de recursos e acaba-se por atingir um outro tipo de artista e um novo tipo de público. De fato, a Galeria Cubo é um novo canal de comunicação do mundo da arte que se insere em Caxias.

Exposição fotográfica

Solstício

por Liliane Giordano

Solstício é o que marca inverno e verão no planeta: é quando o Sol atinge maior declinação em latitude em relação a linha do Equador. Assim, vai ser mais frio em um dos hemisférios, e mais quente em outro. A Revista Sala de Fotografia se baseia nesse movimento da Terra para determinar a sua periodicidade. Próximo ao ponto em que as temperaturas alcançam os seus extremos, seja para o quente ou para o frio, teremos uma nova edição.

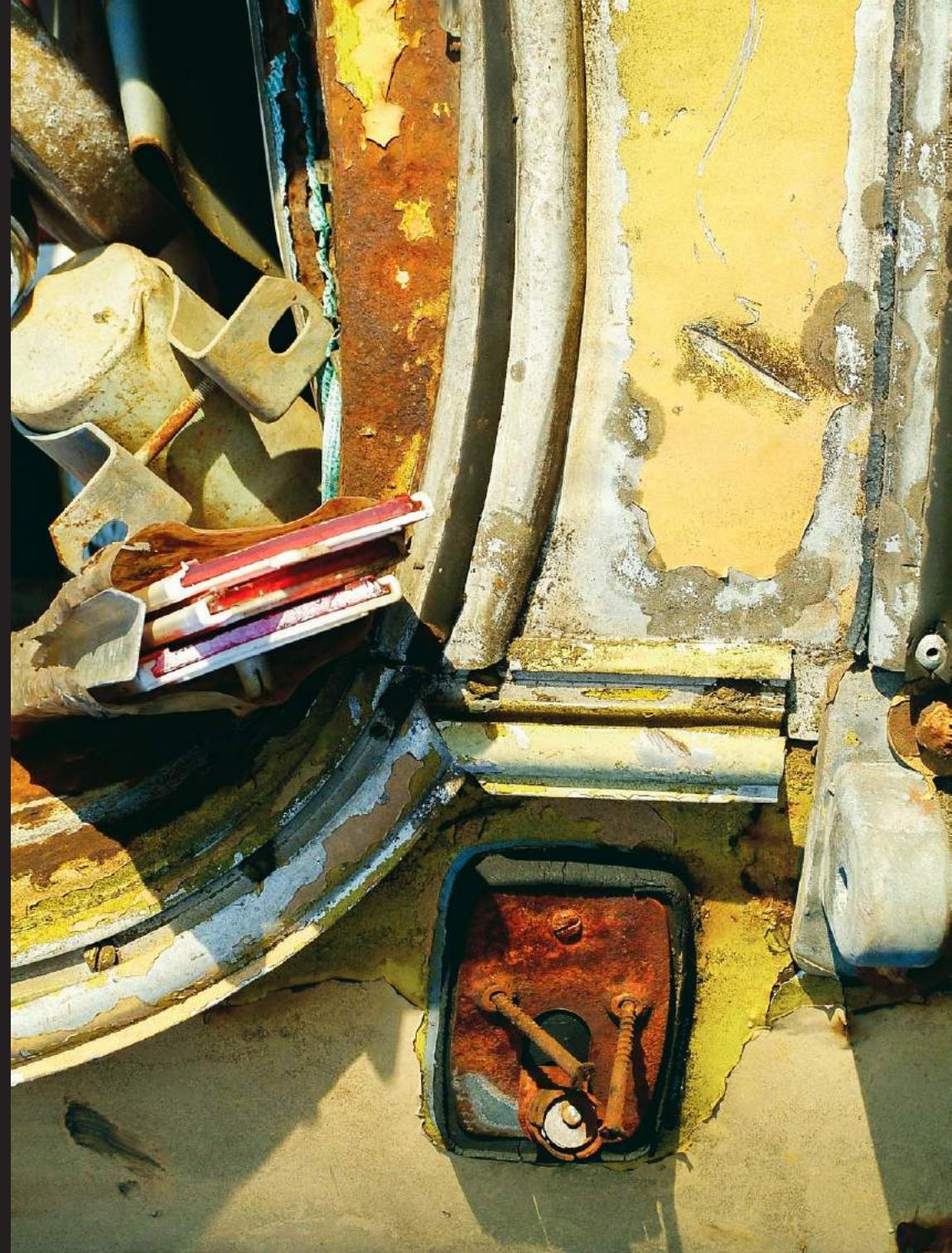
Sendo assim, nada mais justo que apresentarmos aqui a exposição fotográfica intitulada "Solstício". De autoria da diretora da Sala de Fotografia, Liliane Giordano, as imagens trazem registros poéticos de algo tão comum quanto um ferro-velho, explorando suas cores, formas e texturas. Exibida pela primeira vez em 2005, a fotografia conquistou duas premiações com "Solstício": Melhor Projeto de Artes Plásticas / Artes Visuais, Câmara Municipal de Porto Alegre (2006); e Melhor Projeto de Artes Plásticas / Artes Visuais, Museu da Fotografia - Fundação Cultural de Curitiba (2006).



“Os olhos inquietos e seletivos da Liliane descobrem as linhas, as formas, as luzes, as sombras, as cores e as texturas que, associados a sua emoção de viver, transformam um simples ferro-velho com suas sucatas em cenário rico para imagens fotográficas. O resultado presenteado nessa mostra testemunha seu espírito de artista sensível.”

Germano Shuur

curador de Solstício, fotógrafo e coordenador do curso superior de Fotografia da Universidade de Caxias do Sul à época

















Sites que todo fotógrafo deve ler

Blog do Juan Esteves

Juan Esteves, fotógrafo e curador, faz mais do que só *reviews* em seu blog sobre fotografia. Seus textos trazem conexões diversas com as artes, não falando em si apenas da obra que analisa em questão, mas de todo um universo de referências. Ler os seus posts é estar atualizado dos mais recentes fotolivros e outros materiais fotográficos lançados. E também capturar muitas outras referências importantes, de nomes relevantes da fotografia e ainda de outras áreas da arte. São textos claros, bem escritos, com personalidade, onde transparecem as suas opiniões e seus saberes. Saberes estes calcados também na experiência – Juan trabalhou como fotógrafo e editor de fotografia da Folha de S.Paulo entre 1986 e 1994, onde também escreveu para o caderno Ilustrada. Leitura obrigatória para quem quer estar conectado com o que há de melhor no conhecimento do universo fotográfico.

Acesse neste endereço o blog do Juan Esteves:
<http://blogdojuanesteves.tumblr.com>



Parte do mérito da publicação se dá pela eloquência com que as pescadoras são apresentadas. A força das composições são harmoniosas e muito raramente se percebe a autoria individual. Esta coesão é fundamentada em planos no nível do mar, ou no seco por uma câmera mais ao chão, recurso que sem dúvida eleva as personagens de uma situação de inferioridade histórica para uma mais contemporânea e superior. A dupla trata com habilidade a questão imagética, ainda que se perceba uma certa dificuldade em lidar com a dura luz nordestina, o que aliás é inerente a quase todos trabalhos do gênero.

Até meados do século XX a fotografia documental (um registro direto e mais acurado da representação das pessoas, lugares e eventos) era uma forma vital para o testemunho dos acontecimentos. Já por altura dos anos 1950, como lembra a curadora americana **Sandra Phillips**, do San Francisco Museum of Modern Art, a tradição foi reinventada e a câmera virou uma ferramenta para uma mudança social, usando-a para lançar luz sobre a injustiça e a desigualdade e os aspectos marginalizados da sociedade, trabalhos como o do suíço **Robert Frank** ou do inglês **Don McCullin** são expressões notórias de um trabalho documental sustentado por uma forte visão autoral de cada um.

PORTUGAL > CRISTIANO MASCARO

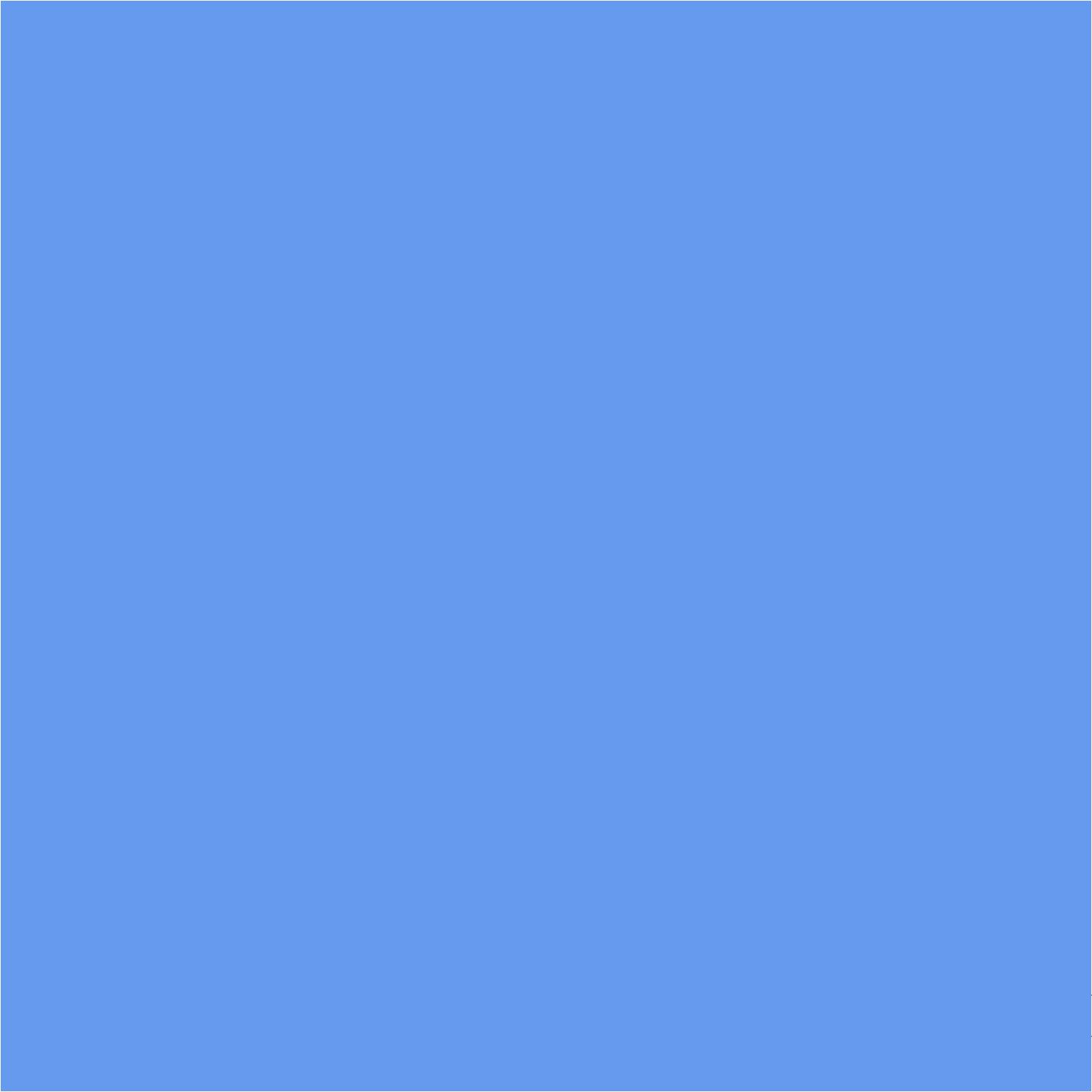
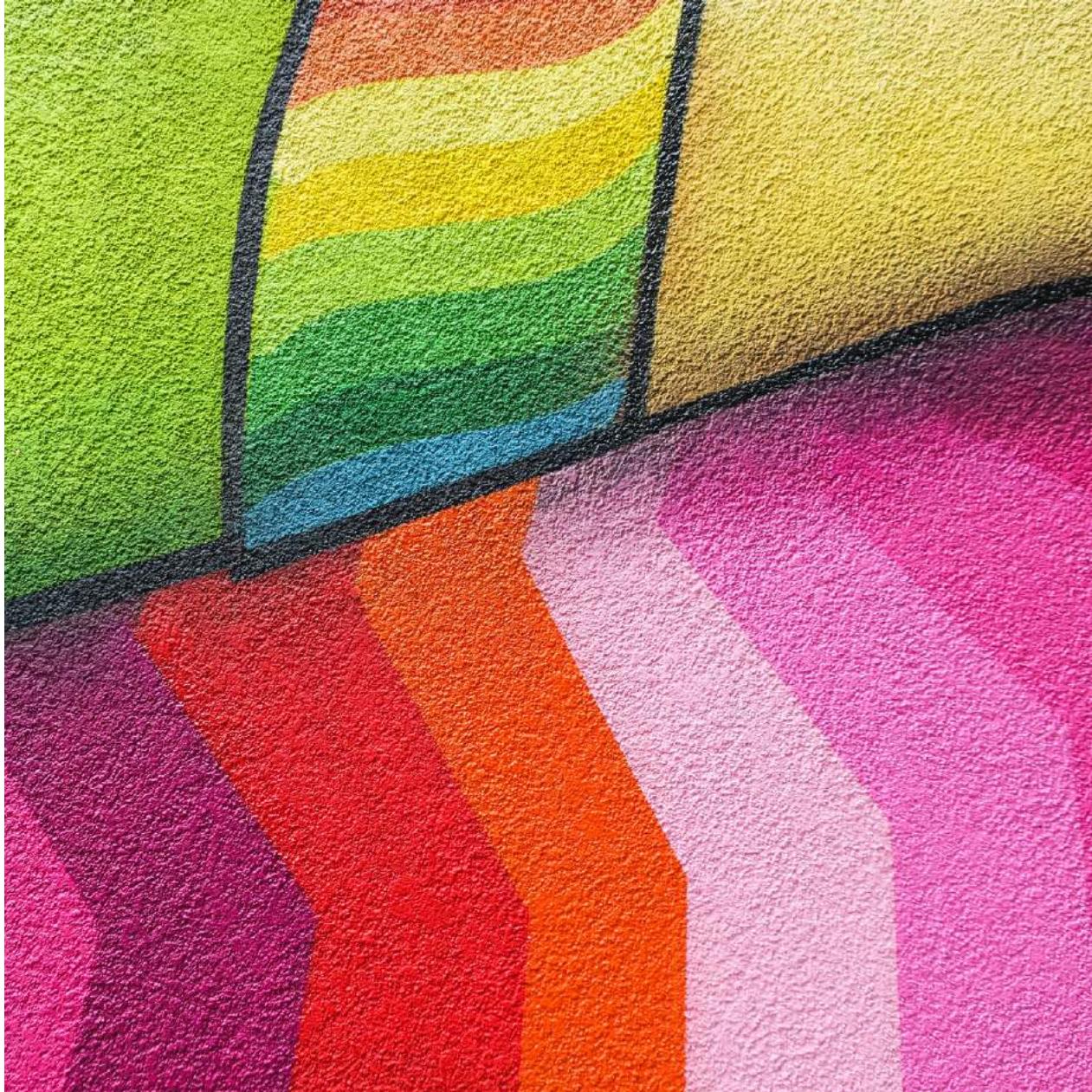


O consagrado arquiteto português **Álvaro Siza** diz que qualquer um pode hoje fotografar a cidade ou um fragmento desta. Ele tem toda razão, quando pensamos na profusão de fotógrafos espalhados pelo mundo a caminhar e disparar suas portentosas DSLRs, snapshots ou fantásticos celulares carregados de megapixels, inexistente fenômeno da nossa contemporaneidade. Entretanto, acerta mais ainda quando também afirma que poucos podem transmitir por uma imagem "a atmosfera da cidade - a sua respiração..."

Cristiano Mascaro, fotógrafo paulista, é um destes pouquíssimos capazes de sintetizar razão e emoção em uma imagem. No livro **Portugal (BEL, 2016)** a sua construção detalhista, calcada em uma técnica exemplar, o conduz pela virtuosidade de um profissional ao mesmo tempo que suas composições dão continuidade as tessituras da trama urbana, onde passado e presente se encontram, onde a vivência e a imagem se fundem.

Trecho do texto "SEREIAS > Fernanda Oliveira e Sérgio Carvalho", de abril de 2017 no blog do Juan Esteves. O texto traz o fotolivro sobre as mulheres que buscam o seu espaço na pesca artesanal do Ceará, atividade tradicionalmente masculina. O fotolivro pode ser acessado online e gratuito em <https://projetosereias.com>

Trecho do texto "PORTUGAL > CRISTIANO MASCARO", de março de 2017 no blog do Juan Esteves. O texto fala do fotolivro que traz a arquitetura do país europeu.



Palestra

Premissas da comunicação

Fique ligado!

O Canela Foto Workshops - o festival de fotografia de Canela/RS em 2017 ocorre de 1 a 5 de junho.

Logo após, dias 6 e 7 de junho, ocorre a Feira Alasul - evento tradicional da fotografia gaúcha que neste ano se muda para Canela.

A Sala de Fotografia estará nos dois eventos e na próxima edição da revista vai trazer uma análise sobre o que observar por lá.

Para entrar no clima, relembremos o nosso relato sobre a palestra *The Communication Revolution* que assistimos no ano passado no Canela Foto Workshops.

Se você quiser ler a análise completa sobre o festival, acesse em <http://www.saladefotografia.com/single-post/2016/05/03/Sala-de-Fotografia-analisa-Canela-Foto-Workshops>



A face mais revolucionária da atualidade não é tecnológica, e sim comportamental. Sendo assim, é necessário falar menos de plataforma, e mais de comportamento e de linguagem. Foi com essa conclusão que a cineasta Flavia Moraes encerrou sua palestra sobre o estudo *The Communication Revolution*. Conclusão essa que falou para uma plateia lotada e vidrada em suas palavras no Canela Foto Workshops 2016.

O estudo é, como diz no seu próprio nome, revolucionário. Flavia e sua equipe foram desafiados pelo Grupo RBS em 2013 para descobrir o futuro da indústria da comunicação, e assim ser a base de transformação dos produtos da empresa. Mas o resultado extrapolou a ideia inicial. No fim, o estudo conseguiu inspirar a formulação de 11 premissas que podem ser aplicadas sobretudo ao mercado de comunicação, mas também à era digital que vivemos.

Flavia e sua equipe realizaram mais de 300 horas de gravação em entrevistas para o estudo. E assim registraram opiniões sobre o impacto da revolução digital e o empoderamento do indivíduo na comunicação, passando pelas grandes transformações da comunicação na nossa época. Ao longo de 1 ano, Flavia visitou profissionais em diversas áreas do Brasil e dos Estados Unidos. A palestrante ressaltou que o estudo não pretende ser um mapa. Ele é um indexador dos assuntos mais recorrentes nas entrevistas: as premissas. O resultado desse trabalho está disponível no site <http://www.thecommunicationrevolution.com.br/>, o qual traz os trechos de onde foram retiradas essas ideias inspiradoras. Assim, cada um pode chegar às suas próprias conclusões e usar da maneira como achar adequado à sua vida.

As premissas do estudo *The Communication Revolution*

1-> Be true (seja verdadeiro): o ser humano tem novas habilidades cognitivas, que maximizam o pensamento crítico, detectando besteiras de imediato. Transparência é a nova exigência.

2-> Be trusted (seja confiável): há uma necessidade de novos curadores criteriosos e confiáveis, que selecionem o conteúdo relevante dentro do tsunami de informações disponíveis todos os dias.

3-> Be part (faça parte): o conhecimento não é mais dado em apenas uma via. É necessário fazer parte, construir aberturas, humanizar-se, para haver menos desvios e menos erros de interpretação.

4-> Think plural (pense plural): necessidade de discutir todos os ângulos, para compreender que a verdade é multifacetada. A pluralidade vale mais do que a isenção – você pode e deve ter sua opinião, só não deve impor suas ideias.

5-> Think mobile (pense mobile): há a reinvenção do espaço e do tempo a partir das novas ferramentas de acesso ao mundo. E assim há uma mudança na interação e na convivência.

6-> Be beta (seja beta – versão de testes): nunca estamos prontos, sempre há mais para aprender. É preciso estar aberto à mudança, à novas opiniões, pois do contrário nos fechamos para a possibilidade de modificar e melhorar.

7-> Think ahead (pense à frente): ser inovador não é confortável, mas é recompensador. É preciso se desprender de conceitos usuais e sair do senso comum.

8-> Think higher (eleve o pensamento): os negócios também servem para transformar a vida das pessoas. Não é mais possível trabalhar apenas pelos lucros, é necessário ter um ideal.

9-> Be collaborative (seja colaborativo): a economia colaborativa tem força e inteligência transformadoras. Construir alianças e trabalhar em rede virou necessidade para empresas e profissionais.

10-> Be intuitive (seja intuitivo): intuir é um olhar atento, ver com todos os sentidos. Assim se acabam antecipando respostas. O racionalismo a todo o custo é reducionista.

11-> Be useful (seja útil): faça algo que seja considerado útil pelos outros. Ser útil está relacionado ao grau de satisfação, é o modo como o que você faz é percebido.



Processos artísticos que todo fotógrafo deve ver

Bienal de São Paulo



Questionar o tempo todo. Duvidar do que se sabe. O conhecimento parte sempre de uma pergunta, nunca de uma certeza. Certeza essa que foi justamente o tema posto em dúvida na última Bienal de Arte de São Paulo. “Incerteza Viva” foi a 32ª edição do evento que ocupou o prédio no Parque Ibirapuera em outubro de 2016 com dezenas de obras de arte contemporânea. À espera da nova Bienal, relembramos três obras que chamaram a atenção da Sala de Fotografia por lá.

A proposta da Bienal era instigar os visitantes a pensarem, a questionarem as suas certezas. Sobretudo ao se deparar com as obras expostas ali, a proposta parecia ser: pare, olhe, pense, crie dúvidas, duvide do primeiro entendimento e vá mais a fundo. Mesmo assim, vimos em um grupo mediado pessoas cheias de certezas, tentando determinar com certeza o que viam diante dos olhos.

“Se há razão para temer as incertezas, haverá outras tantas razões para temer a certeza. Porque, afinal, a certeza pode excluir, pode afastar-nos da complexidade e diversidade do mundo, pode criar uma falsa ideia de segurança e de superioridade racional e moral.”

Escrever e Saber, Mia Couto

Assim como na fotografia, na qual agora conta muito mais o processo do que o resultado final da imagem, assim é a arte contemporânea. E é por isso que o senso comum costuma dizer que alguma obra de arte qualquer criança faria. Só que o que este senso comum não percebe é que não conta mais apenas o talento, a técnica, o saber fazer para o artista. Conta muito mais o contexto.

Então, para entendermos arte contemporânea, perceber o contexto é importante – sem deixar de lado os questionamentos e as emoções que cada obra nos suscita. Ao percorrer a Bienal, fomos acompanhadas de um grupo com mediação de Lucas Itacarambi. As explicações dele jogaram luz a muitas obras que poderiam ter passadas despercebidas a nós. Veja nas fotos alguns pontos da Bienal que nos chamaram a atenção.



Obra de Tracey Rose, artista da África do Sul. Nesta obra, a primeira impressão realmente é a de que uma criança amassou uma bola de papel gigante construída de sucatas e a colocou em exposição. Esse é um claro exemplo de como o contexto modifica nossa percepção. O título das esculturas é *A Dream Deferred (Madelas Balls)*, ou *Um sonho adiado (Bolas de Mandela)*.

Tracey se baseou em um poema de Langston Hughes, no qual o poeta se questiona o que acontece com um sonho adiado: ele apodrece como carniça? Afunda? Cristaliza como calda doce? Definha como uva ao sol? As uvas passas então são representadas na obra de Tracey pelas bolas de suas esculturas. E assim a artista quer propôr uma reflexão sobre a degradação dos ideais defendidos na construção de uma nova África do Sul, e as incertezas geradas pelos ideais de um país ainda em construção. As bolas referem-se aos testículos do grande líder Mandela, representando seu legado, sua coragem e hombridade. E também faz conexão com a escravidão, na qual os testículos eram esmagados. A obra de Tracey ainda está em construção, ela pretende fazer 95, representando a idade de Mandela na ocasião de sua morte.

*Fontes:

- Cadernos de Processos artísticos e pedagógicos da 32ª Bienal de São Paulo. Material cedido pela organização a Sala de Fotografia.

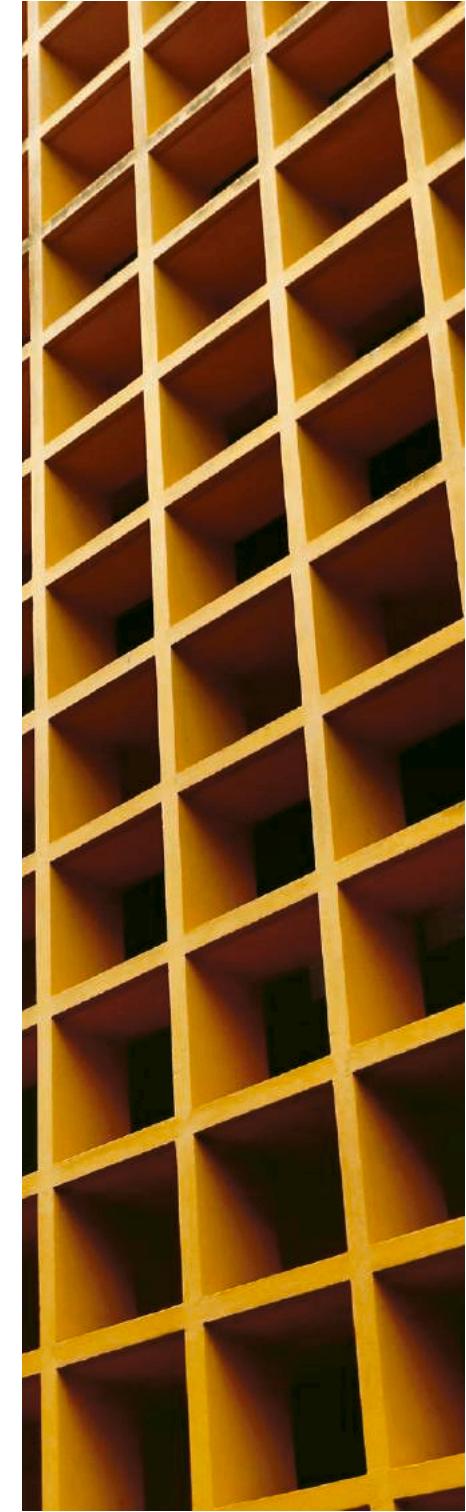
- VONNEGUT, Kurt. *Café-da-manhã dos campeões*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2006. 310 p.

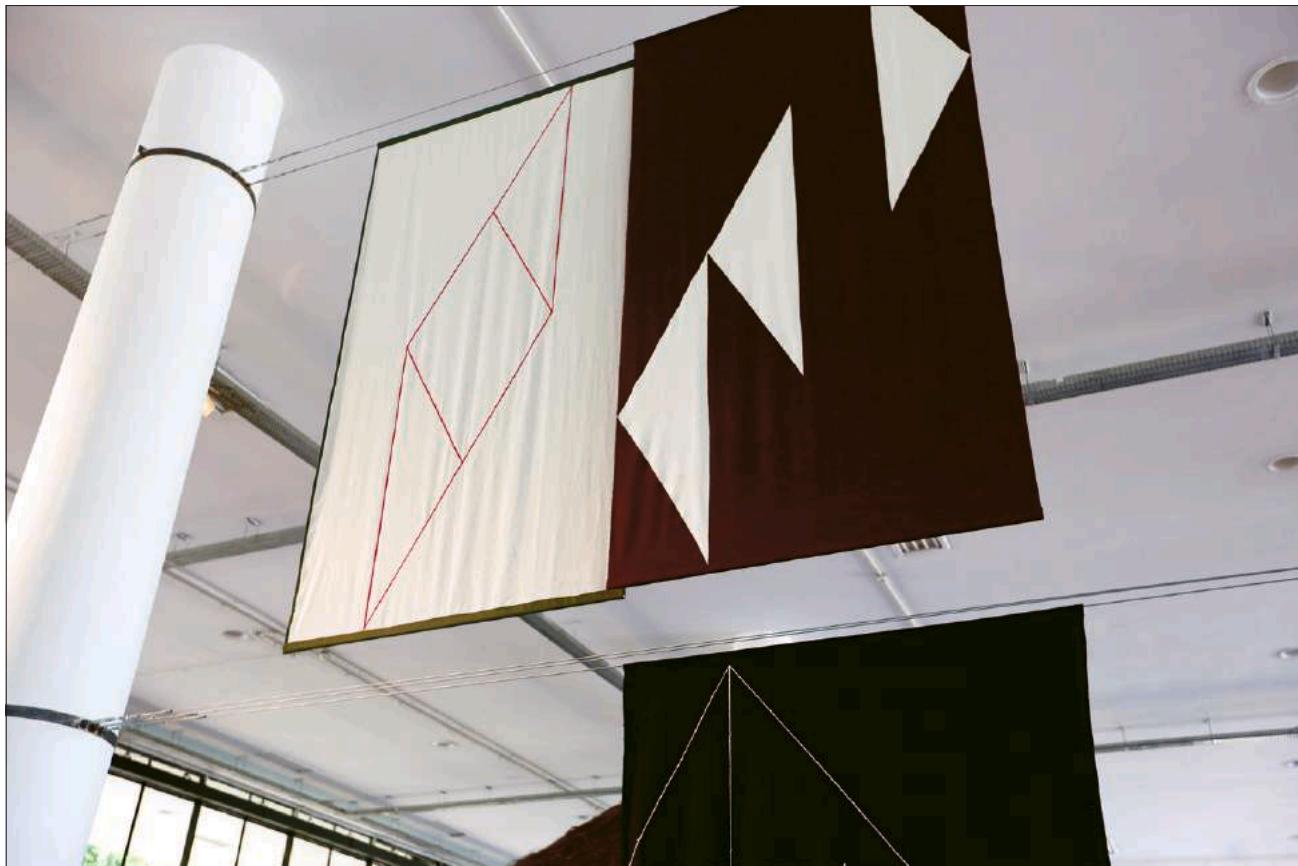
O escritor americano Kurt Vonnegut explica no livro “Café-da-manhã dos campeões” porque uma obra de arte que poderia ser feita por uma criança tem muito valor. Neste trecho abaixo, o artista Rabo Karabekian faz um comparativo para explicar porque o seu quadro, tão simples, tem tanto valor.

“Acabei de ouvir desta garçonete de bar aqui, [...], uma história sobre o marido dela e um idiota que estava prestes a ser executado em Shepherdstown [um presídio]. Muito bem...

deixem uma criança de cinco anos pintar uma interpretação sagrada desse encontro. Deixe essa criança de cinco anos arrancar a idiotice, as grades, a cadeira elétrica à espera, o uniforme do guarda a arma do guarda, os ossos e a carne do guarda.

Qual é esta pintura perfeita que qualquer criança de cinco anos é capaz de pintar?” livro *Café-da-manhã dos campeões*





Obra de Felipe Mujica, do Chile. Diversos tecidos similares a estes se espalhavam pelo pavilhão da Bienal. Em um trabalho criativo colaborativo, nestas cortinas, o artista propõe intervenções de outros e também de curadores – pois ele aceita que suas cortinas sejam rearrumadas de acordo com a vontade dos organizadores, pois elas interferem na circulação e percepção dos visitantes, fazendo com que sua obra sirva quase que de fundo cênico. Mais uma vez, como vimos em outras obras da Bienal, as Cortinas de Mujica não reivindicam um saber do gênio artístico para serem feitas: basta saber costurar, podendo ser feitas até mesmo em um ambiente doméstico. Assim, criam um mecanismo de diálogos espaciais, envolvendo público, funcionários de museus e galerias onde expõe e outros artistas que compartilham o espaço das exposições.



Obra de Ebony G. Patterson, da Jamaica. Esta é outra obra que engana na primeira impressão. Colorida e linda, diversos visitantes tiravam fotos com a obra da artista. Mas depois que sabiam do que se tratava, se arrependiam. Ebony parte da fotografia como suporte – aliás, a fotografia não esteve muito presente nesta Bienal como obra de arte – havia apenas uma exposição fotográfica, a imagem capturada pelas lentes serviu mais como suporte para outras composições. A partir de fotos de crianças, a artista usa outros materiais, como miçangas – as contas coloridas vermelhas saem de buracos nas fotografias – retratando tiros de armas de fogo, em uma referência clara à violência que assola comunidades de Kingston, na Jamaica. E assim ela tenta traçar um paralelo com o Brasil, no qual as crianças também sofrem com a mesma violência. O excesso de brilho e cor na sua obra pretende denotar como o consumismo e a riqueza são sistemas de opressão e exclusão social. Constrói assim um estereótipo de infância exagerado, que demonstra o quanto esconde outras realidades e o que está de fato acontecendo.



SALA DE
FOTOGRAFIA
10 anos

A Sala de Fotografia é um espaço voltado para cursos, workshops e palestras. A escola de Caxias do Sul - RS nasceu em 2007, e também atua em curadorias de exposições fotográficas e projetos culturais. Promove ainda expedições fotográficas nacionais e internacionais. Os cursos, muito mais do que focar no resultado da fotografia, visam uma inserção do aluno no universo imagético, proporcionando uma nova leitura da visualidade.

2017

é o ano que a Sala de Fotografia completa

UMA DÉCADA!

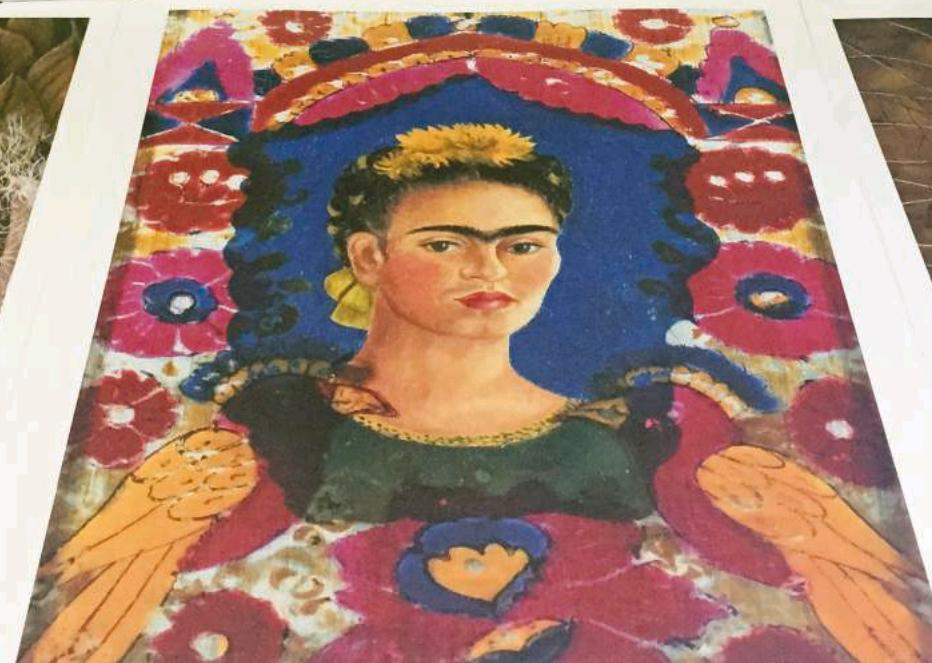
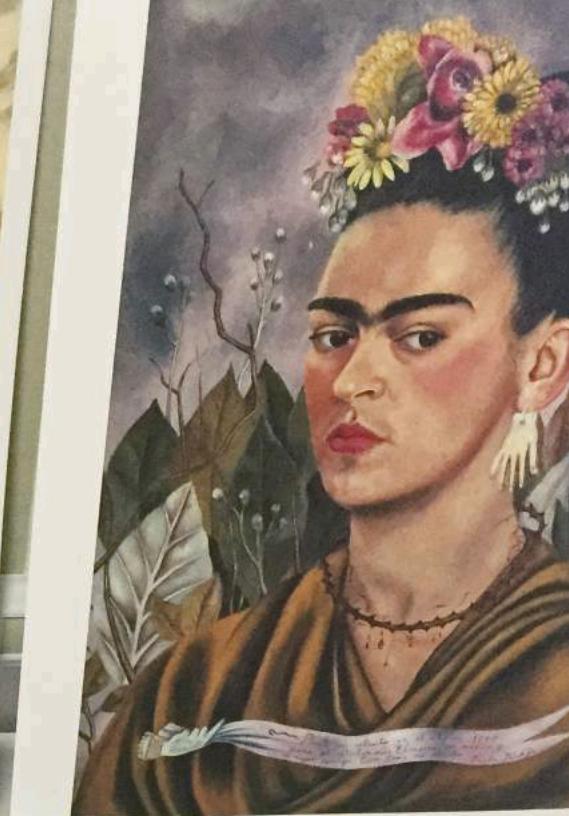
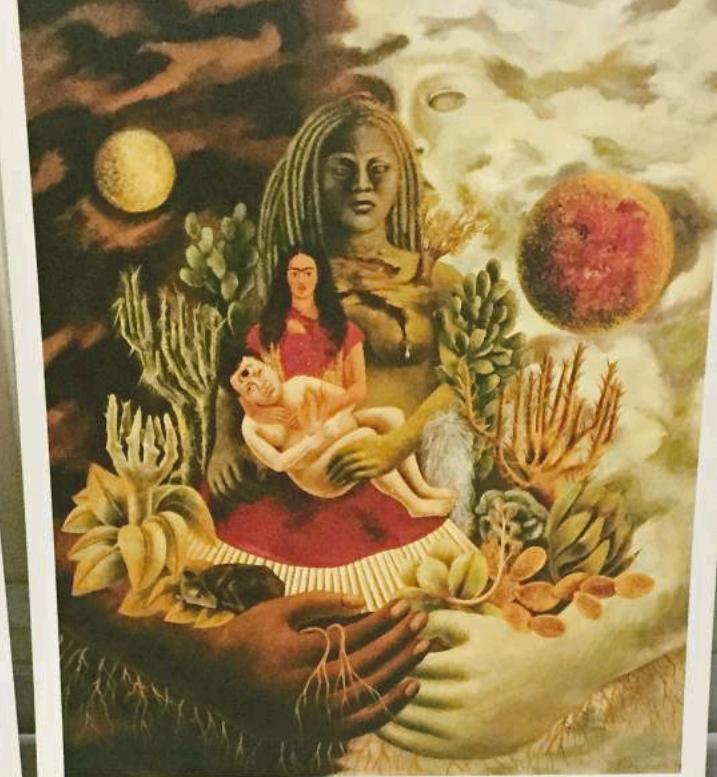
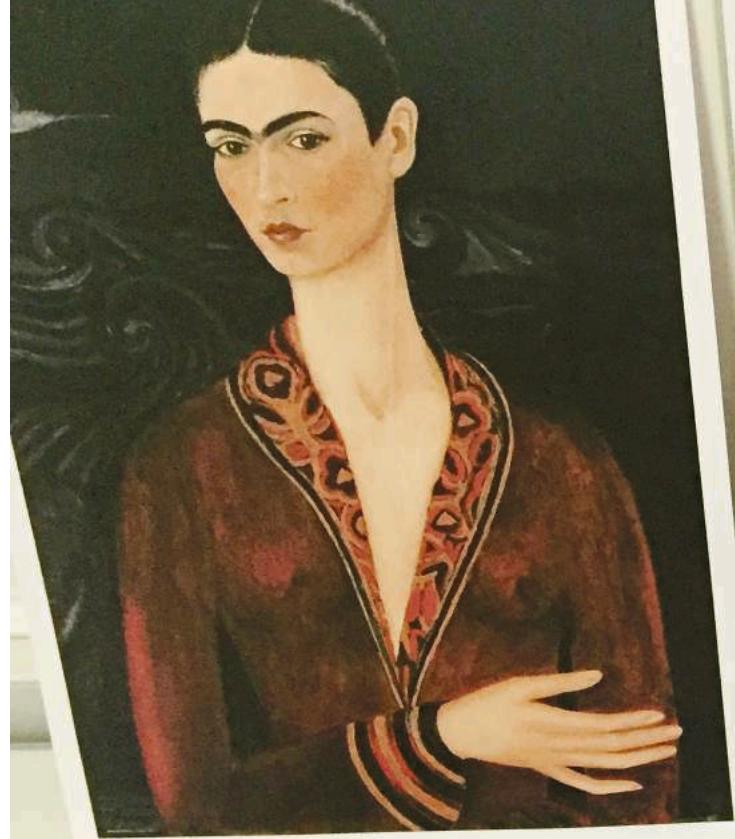
Diversas atividades
comemorativas estão
programadas!

Exposições que todo fotógrafo deve ver

Frida Kahlo

Frida Kahlo é mais do que um símbolo pop. Suas obras também são mais do que apenas belas. Sua força reside em como nos toca.

Queremos falar neste texto aqui sobre a sua trajetória pessoal, que se reflete automaticamente na sua pintura. Sua vida foi o tema da exposição que vimos em São Paulo em outubro de 2016. Composta de fotografias do acervo pessoal da artista, a mostra foi dividida em duas partes: “Frida Kahlo – Suas Fotos” (no MIS – Museu da Imagem e do Som), e “Frida Kahlo – Suas Fotos - Olhares sobre o México” (no Espaço Cultural Porto Seguro).



Talvez Frida more em nossas memórias e tenha tanto sucesso neste mundo pop não só pela sua arte mas também pela sua história de vida. É impossível separar a Kahlo artista da pessoa Frida. Uma está entranhada na outra. Afinal, ela retratou o que viveu, e não foi pouco: sua vida é marcada por uma série de tragédias.

Em um trecho de sua autobiografia, datada de 1953 – e que está no livro “Cartas Apaixonadas de Frida Kahlo”, compilado de Martha Zamora – Frida revela esse sentimento de que a arte lhe preencheu:

“Pintar completou minha vida. Perdi três filhos e uma série de outras coisas, que teriam preenchido a minha vida pavorosa. Minha pintura tomou o lugar de tudo isso. Creio que trabalhar é o melhor”. Frida Kahlo

Em uma carta – também presente no livro “Cartas Apaixonadas...”- a Carlos Chávez de 1939, director do INBA (Instituto Nacional de Belas-Artes), Frida envia-lhe informações sobre a sua obra para serem traduzidas, e assim explica mais do seu processo:

“Comecei a pintar há doze anos, quando me recuperava de um acidente de automóvel que me manteve na cama por quase um ano. Em todos esses anos, sempre trabalhei com o impulso espontâneo de meus sentimentos. Nunca segui nenhuma escola nem a influência de ninguém; nunca esperei nada de meu trabalho, a não ser a satisfação que podia extrair dele, pelo próprio fato de pintar e de dizer o que eu não conseguiria dizer de outra maneira.

Fiz retratos, composições figuradas e também quadros em que a paisagem e a natureza morta são o mais importante. Na pintura encontrei um meio de expressão pessoal, sem que nenhum preconceito me forçasse a fazê-la. Durante dez anos, meu trabalho consistiu em eliminar tudo o que não provinha das motivações líricas internas que me impeliam a pintar.

Uma vez que meus temas sempre foram minhas sensações, meus estados de espírito e as reações profundas que a vida tem causado dentro de mim, muitas vezes materializei tudo isso em retratos de mim [...]”

Poderia se dizer que a maior tragédia da vida de Frida foi o terrível acidente de ônibus, que a



levou a sentir dores imensuráveis pelo resto da vida – aliás, foi assim que ela começou a pintar, enquanto estava na cama devido a longa recuperação deste acidente que por pouco não lhe tirou a vida. Só que Frida era uma pessoa intensa demais em seus sentimentos, e assim seu pior choque foi quando descobriu que seu marido, o também artista Diego Rivera, a traía com a sua própria irmã. Ela confessa isso na carta para um casal de amigos, na qual diz, em suas palavras:

“Nunca sofri tanto e não pensei que pudesse suportar tanta dor. Vocês nem imaginam o estado que me encontro, e sei que vou levar anos para conseguir sair desta confusão que tenho na cabeça. [...] Primeiro, é uma desgraça dupla, se posso explicá-la desta maneira. Vocês sabem melhor do que ninguém o que Diego significa para mim em todos os sentidos e, por outro lado, ela era a irmã

que eu mais amava e a quem tentei ajudar o máximo que pude; por isso é que a situação se tornou horrivelmente complicada, e está piorando a cada dia.” (carta a Ella e Bertram Wolfe, de 18 de out. de 1934, do livro “Cartas Apaixonadas...”).

Nas exposições que vimos em São Paulo, a trajetória de Frida Kahlo foi bem explicada, por meio de uma linha do tempo e por textos explicativos. Definitivamente, nenhum artista nasce gênio e pronto. Todos têm influências, e o trunfo da exposição é mostrar que Frida foi fortemente influenciada por seu pai. Suas séries de autorretratos tem correlação com as fotos nas quais seu pai fotografava a si mesmo. É com ele que a artista aprende o gosto pela ciência, pela arte e pela fotografia, tendo ele lhe ensinado o poder do autorretrato. Nas imagens em exposição no MIS, havia muitas fotos com autorretratos de Guillermo Kahlo, este que era um imigrante alemão.

Guillermo se casou pela segunda vez com Matilde Calderón, uma mestiça originária de Oaxaca, mas com sangue espanhol. Era uma mulher dura e religiosa, e é dela que Frida aprende seu gosto pelas vestimentas indígenas que tanto aparecem depois em seus autorretratos. Frida também teve muita influência do marido Diego Rivera em sua obra – ele foi um artista muito importante.

A mostra foi dividida por temas, como “Origens” – onde aparecem fotos familiares, “Casa Azul” – onde há fotos nesse ambiente no qual Frida viveu por tanto tempo com Diego. Mas a parte mais forte, sem dúvida, é a seção chamada de “Corpo Acidentado”. Além das fotos em quartos de hospital, a decoração chocava e chamava a atenção. Antes de cada espaço de galeria onde estavam as fotos, o visitante entrava em uma grande instalação com diversos objetos que remetiam à Frida. No caso da seção “Corpo Acidentado”, se viam muletas, cadeiras de roda, pernas mecânicas, tudo com uma luz artificial forte, que acabavam por chamar a atenção das pequenas fotografias que depois se viam dentro da galeria. Em outras ambientações na entrada de outras partes da exposição do MIS, a instalação contava com outros objetos, como luzes em neon e caveiras.

No fim do trajeto, ainda era possível assistir a um emocionante documentário sobre a vida de Frida. As exposições “Frida Kahlo – Suas Fotos”, e “Frida Kahlo – Suas Fotos - Olhares sobre o México” de fato, mereciam ser visitadas. Impossível não se emocionar com todo o conjunto: as fotos, a instalação e, sobretudo, a vida de Frida.

*Fontes:

- ZAMORA, Martha (Comp.). Cartas apaixonadas de Frida Kahlo. 4. ed. São Paulo: José Olympio, 1997. 160 f.

- Textos explicativos da exposição Frida Kahlo – Suas Fotos, em exibição no Museu da Imagem e do Som (MIS) em São Paulo, de 3 de setembro a 20 de novembro de 2016.

- Obras presentes no livro da Taschen, 2016.



Análise - Festivais de Fotografia

Fest Foto POA 2017



Há que se ter persistência. Essa é uma das lições que aprendemos no último dia da programação do festival de fotografia de Porto Alegre, o Fest Foto, neste ano de 2017. Desde a editora que publica material sobre fotógrafos online, passando pelo Museu que demonstrou que pode aceitar muitos trabalhos em fotografia, até o fotógrafo americano Fred Baldwin que contou a sua trajetória, ficou claro isso: com persistência, é possível colocar bons trabalhos em fotografia à mostra. A Sala de Fotografia esteve por lá no sábado, dia do encerramento das atividades, que fechou o dia com um concerto da OSPA – Orquestra Sinfônica de Porto Alegre.

Neste ano, o Fest Foto ocorreu de 9 a 13 de maio, no Centro Cultural CEE Erico Verissimo, no centro da capital gaúcha. O tema, para comemorar os dez anos de realização do festival foi “Celebrando Amigos”. Assim, dentro dessa proposta, a direção pediu aos seus parceiros de longa data que apresentassem a sua carreira na fotografia, mais do que apenas falar de suas produções culturais.

Desta forma, Wendy Watriss e Frederick Baldwin, os responsáveis pelo Foto Fest – festival de fotografia de Houston, nos Estados Unidos, contaram suas trajetórias. Nós já tínhamos assistido a eles no ano passado, tanto no Fest Foto quanto no Fórum Latino Americano de Fotografia em São Paulo. Nessas ocasiões anteriores, ouvimos Wendy falar sobre Houston em Porto Alegre, e sobre a sua trajetória em São Paulo. A fotógrafa desenvolveu um importante trabalho com reportagens e fotos sobre os efeitos tóxicos do Agente Laranja – um defensivo agrícola utilizado na guerra do Vietã e que acabou tendo efeitos devastadores na vida dos soldados americanos. (confira o que contamos sobre o seu relato em SP em <http://www.saladefotografia.com/single-post/2016/08/15/Sala-de-Fotografia-analisa-F%C3%B3rum-Latino-Americano-de-Fotografia>, e sobre POA em <http://www.saladefotografia.com/single-post/2016/06/15/Sala-de-Fotografia-analisa-FestFoto-2016>). Ela mostrou na apresentação desta vez fotos suas na África e na Nicarágua. As imagens dos veteranos de guerra eram realmente impactantes.

“Se você se importa com quem você está fotografando, e não só explorando as pessoas para promover a sua carreira, tem que continuar trabalhando para além da imagem.” Wendy Watriss

A novidade para nós, então, foi ouvir Fred Baldwin, seu marido e parceiro no festival de Houston, contar sua trajetória na fotografia. O casal tem muita história pra contar. E mantiveram a plateia grudada em suas palavras. Fred publicou suas fotos nas revistas mais importantes do mundo, como a National Geographic, a Geo e a New York Magazine.

Fred então iniciou a sua fala após Wendy. Explicou que não era nem de longe tão inteligente como ela, e nem ela tinha feito as trapalhadas que ele fez. Fazendo piada de si mesmo o tempo todo, o fotógrafo começou a narrar como entrou na fotografia por acaso, pois não sabia exercer nenhuma profissão, já que demorou para iniciar sua vida acadêmica. Mas a sua fala foi inspiradora por mostrar a sua persistência. Quando quis conhecer o artista Pablo Picasso, ficou em frente a sua casa por dias, e escreveu uma carta muito engraçada, cheia de desenhos. E assim conheceu seu ídolo e passou um dia todo com ele, fotografando.

“Percebi então que não importava se eu não sabia fazer nada. Mas eu tive criatividade, e passei por cima do grande medo. E então notei que eu precisava pegar qualquer chance e agir.” Fred Baldwin

Mais tarde, acabou em uma maratona, se fazendo passar por um repórter de revista. Quando suas fotos não ficaram boas, por falta de conhecimento técnico, convenceu a organização do evento a lhe dar um novo ingresso para ele tentar de novo. Ainda, conseguiu entrar na cerimônia de premiação do Prêmio Nobel com as histórias que contava para convencer a todos, fazendo assim importantes amizades que lhe foram úteis quando quis fotografar o Ártico.

Fred também mostrou um amplo ensaio que fez em uma comunidade nos Estados Unidos ao longo de dez anos. E ainda relatou o seu encontro com simpatizantes da Klu Klux Klan, um movimento racista e violenta dos Estados Unidos. Ele jamais mostrou essas fotos para alguém à época. Só depois ele percebeu que se o tivesse feito, mostrado, por exemplo, a importante agência Magnum, isso teria mudado a sua vida, pois ele conseguiu imagens de dentro de um movimento muito fechado. Esta foi uma lição que lhe incentivou a promover o festival de fotografia em Houston: queria dar a chance a outros fotógrafos de mostrarem o seu trabalho e mudar as suas vidas.

Mas antes das apresentações de Fred e Wendy, que encerraram o festival de Porto Alegre, a tarde de sábado trouxe mais. Fabián Gonçalves Borrega falou sobre o Museu de Arte das Américas, localizado em Washington, nos Estados Unidos. Em sua fala, ele explicou e mostrou a fotografia que ganha espaço no museu, por meio



de exposições que depois compõem o acervo. Há brasileiros nessa coleção, como Miguel Chikaoka e o gaúcho Leopoldo Plentz. A escolha das exposições se dão por temas pré-definidos pelo museu: a atual é sobre paisagens. O interessante da fala de Fabián foi mostrar a plateia que é possível sim ter obras de fotografia contemporânea expostas em um museu internacional, basta ter um projeto consistente e se inscrever para participar.

“A escolha dos fotógrafos para exposições no Museu de Arte das Américas se dá devido a um trabalho consistente no tema, não que o participante seja necessariamente com uma carreira consolidada na fotografia.”

Ainda no sábado houve espaço para Michael Itkoff, da Daylight Editora, falar sobre “livros de fotografia no território digital”. Michael, que também veio dos Estados Unidos, contou como a editora começou os seus trabalhos ainda em 2003, quando lançou uma revista de fotografia. Já no segundo número dela, tiveram uma boa ideia: deram câmeras ao povo do Iraque para que eles pudessem registrar a sua própria realidade em meio a guerra. Assim, conseguiram fotos mais humanas e mais cotidianas do que se tivessem enviado um fotógrafo estrangeiro cobrir o conflito.

Depois, para promover a revista, a editora passou a lançar pequenos teasers no site, com vídeos onde narração dos fotógrafos que estavam na revista se mesclavam às suas fotos. Assim se iniciou a tradição digital de seus trabalhos. Hoje, a editora publica livros, e mantém em seu site um amplo catálogo de portfólios de fotógrafos, dando a chance, assim, de eles exibirem o seu trabalho para o mundo todo por meio da internet. Nesses portfólios, se unem fotos grandes, com vídeos e citações, mesclando o conteúdo de diversas formas. Acesse em <http://stories.daylight.co/discover>

Além disso, a editora está com inscrições abertas a um prêmio, o Photoawards. Michael explicou que tipo de trabalho estão interessados na editora.

“Nos interessamos por trabalhos que apresentem uma digestão fácil de assuntos difíceis. Trabalhos que informem ao público e que mudem as suas atitudes, mesmo quando este nem percebe que isto está acontecendo. Queremos trabalhos que usem fotografias para mostrar o mundo e informem as pessoas sobre o mundo”. Michael Itkoff

Exposições

Outra importante contribuição do Fest Foto POA – para além das importantes palestras apresentadas nessa década de festival, bem como as leituras de portfólio, que já oportunizaram a muitos fotógrafos demonstrarem o seu trabalho no exterior - o festival também apresenta muitas exposições de trabalhos por meio de suas convocatórias.

Em uma sala com diversos televisores, são exibidas séries de fotógrafos do mundo todo, onde os participantes do festival podem se aproximar do melhor da fotografia contemporânea. As TV's podem não ter o glamour nem as sensações proporcionadas por uma exposição impressa no papel. Mas elas se constituem em uma boa alternativa de economia financeira, ao mesmo tempo que oportunizam esse contato com obras inspiradoras.

O Fest Foto também trouxe excelentes exposições impressas no primeiro andar do Centro Cultural. Como a Marrocos, do Coletivo Gringo (formado por Gui Christ e Gabi Di Bella), na qual os fotógrafos acompanharam a ocupação ilegal de um prédio em São Paulo, registrando seus moradores, que chegaram a quase 3 mil, e seu cotidiano. Ou ainda a exposição “Você mereceu” de Marília Oliveira, com fotos em formato pequeno de 10x15cm. O próprio tamanho celebra a intimidade daquelas fotos, na qual a artista revela um amor que se





foi e não faz mais sentido em fotos íntimas, mas borradas, tremidas, como se fossem a materialização de lembranças pouco nítidas visualmente, mas fortes emocionalmente. Em uma segunda parte, Marília expõe fotos na qual o casal está raspado da paisagem, junto a pequenos bilhetes que eternizavam um amor para todo o sempre por meio de palavras apaixonadas. O Fest Foto ainda contou com a exposição Rastros D'Eus, de Fernanda Chemale, com diversos autorretratos da artista.

Junto a estas exposições, TV's exibiam fotos de fotógrafos que foram homenageados ao longo desta década de Fest Foto. Eles foram convidados a selecionar 10 fotos suas que conversassem com o tema "Celebrando amigos".

Online

Uma importante atitude de difusão do conhecimento por parte do festival foi a transmissão ao vivo das mesas no Facebook do seu coordenador, Carlos Carvalho. Desta forma, quem não pode ir até o evento, conseguiu acompanhar o seu conteúdo de qualquer lugar.

Conclusões

Neste último dia de programação do Fest Foto, houve uma constância: todos os palestrantes falavam um idioma estrangeiro, vindo de outros países para cá nos passarem os seus conhecimentos. Assim também se denota a importância e a internacionalização do Festival de Fotografia de Porto Alegre. O conteúdo das palestras, sempre gratuitas, traz conhecimentos muito ricos a quem participa, abrindo a cabeça para novos conteúdos, novas formas de pensar e fazer fotografia, ampliando ainda os horizontes de como se inserir no mercado fotográfico internacional.

Que venham mais muitas décadas de festival de fotografia em Porto Alegre. A sua importância faz valer cada segundo na vida dos fotógrafos.

Expedições Fotográficas
da Sala de Fotografia

**Sorria, viaje,
aprenda, crie
memórias.
FOTOGRAFE.**



Parceiros

Secretaria Municipal da Cultura
Museu Municipal de Caxias do Sul
Unidade de Artes Visuais da Secretaria Municipal da Cultura
Unidade de Cinema da Secretaria Municipal da Cultura
Arquivo Histórico João Spadari Adami



www.saladefotografia.com

Rua Garibaldi, 789, Sala 177. Edifício Estrela, Caxias do Sul | RS
(54) 3534.8994 | 9.9981.9894 saladefotografia@gmail.com

Revista



SALA DE
FOTOGRAFIA